

Sara da Silva Feiteira

A felicidade no Manjerico e a sorte no alho-porro:

O São João sai à rua na cidade do Porto

– alunos e familiares na descoberta do património imaterial

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º

ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

Orientada pela Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro

Coorientada pela Professora Elsa Pacheco

Orientadores de estágio, Professora Margarida Alves

Professor Fernando Santos

Supervisoras de estágio, Doutora Cláudia Ribeiro

Doutora Elsa Pacheco

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2015

Dedicatória

Dedico o presente trabalho às pessoas mais importantes da minha vida:

À minha avó Isabel, o meu anjinho da guarda;

Aos meus pais, Isabel e Carlos;

À minha irmã, Carla;

Ao Tiago e à Maria.

Sumário

Agradecimentos.....	8
Resumo.....	11
Abstract.....	12
Índice de nomenclaturas.....	13
Introdução.....	14
Parte I – Enquadramento teórico.....	17
Capítulo I – Da História local à sala de aula.....	18
1.1.A História local na construção da memória.....	19
1.2.A memória dos outros na construção da identidade.....	22
1.3.Conceito de património.....	26
1.3.1. Património imaterial.....	30
1.3.2. Festejos do São João do Porto como identidade de uma cidade.....	34
1.4.Património imaterial e educação.....	39
Parte II- Enquadramento metodológico.....	43
Capítulo I – Do património imaterial ao ensino de História e Geografia.....	44
1. Contextualização do estudo de caso.....	45
1.1. Caraterização da turma.....	46
1.2. Metodologia de trabalho.....	48
1.2.1. Metodologia da recolha de dados – a análise de conte- údo.....	48
a) Aula planeada.....	50
b) Entrevista.....	57
c) Questionário.....	60
1.3. Análise dos dados recolhidos.....	62
Considerações finais.....	73
Bibliografia.....	76
Anexos.....	79

Anexo I – Análise das entrevistas.....	80
Anexo II – Análise dos questionário.....	90
Anexo III – Análise das questões acerca da importância do São João para os estudantes.....	95

Agradecimentos

Tal como um filme que não funciona sem película ou uma casa que não se constrói sem alicerces, também não poderia começar a escrever as primeiras linhas deste relatório sem antes agradecer a todas as pessoas que tornaram possível e realizável esta etapa tão almejada da minha vida. Assim, estas linhas que escrevo servem, antes de mais, para relembrar a importância das pessoas que me acompanharam ao longo desta caminhada e que me fazem acreditar que, sem elas, não estaria aqui e não seria quem sou.

À Professora Cláudia e ao Professor Luís Alberto, pelas experiências partilhadas, pela motivação sempre transmitida ao longo deste percurso e pelo exemplo de companheirismo e amizade descontraída.

Como não poderia deixar de ser, aqueles que estão comigo desde sempre, que fazem parte de mim e que me acompanham mesmo em dias cinzentos, a minha família.

Em primeiro lugar aqueles que me conhecem mesmo antes de me conhecer a mim mesma, os meus pais, a quem devo tudo aquilo que sou, a minha maior fonte de motivação, o meu maior apoio e o meu porto de abrigo. Ensinarão-me desde sempre que o trabalho e a dedicação são a base de tudo, que a vida não é fácil mas que a perseverança, a humildade, a gratidão, a honestidade, a bondade e a coragem deveriam estar sempre presentes no meu dia-a-dia.

A eles agradeço por todos os momentos em que me incentivaram a continuar mesmo quando tudo parecia estar a desabar, por estarem sempre presentes em todos os momentos da minha vida. Todas as palavras que lhes poderia dedicar não seriam as suficientes para agradecer tudo aquilo que são para mim, e o agradecimento que lhes devo ultrapassa em muito o meu vocabulário.

À minha irmã, por tudo aquilo que somos, pelo que construímos, pelos silêncios sempre compreendidos e que valem mais que mil palavras. Por fazer deste mundo um sítio mais feliz com a Tiago e a Maria, os meus sobrinhos, que me fazem acreditar que o mundo é um lugar incrível e mágico.

Aos meus padrinhos, que se confundem com irmãos mais velhos tal é o que nos une. Ao meu padrinho, exemplo de luta e determinação, e à minha madrinha, pela presença constante em todos os momentos. Por sempre me incentivarem a lutar por aquilo que acredito.

Aos meus primos, Daniel, Rafael, Gonçalo e Bruno, por todas as brincadeiras que me proporcionaram uma infância feliz, pelo crescimento partilhado que sempre tivemos. Pelo carinho e preocupação com que sempre me recebem.

Aos meus amigos que sempre estiveram presentes em todos os momentos importantes da minha vida, que fizeram muitas vezes diminuir a distância geográfica que nos separa, por me mostrarem qual o caminho a seguir, não deixando nunca desviar-me daquilo que é realmente importante. Aqueles que conheço desde sempre e às amigadas que construí ao longo destes cinco anos.

Aos meus amigos que me acompanham desde sempre, e que apesar de não estarmos juntos tantas vezes quantas as que gostaríamos têm sempre um lugar especial na minha vida. À Cláudia Silva, amiga incondicional e intemporal, cúmplice de infância, pela sua disponibilidade e pelo lugar importante que terá sempre na minha vida. Ao André Paiva, à Carla Vieira, à Tânia Costa, à Marisa Tavares e a muitos outros que sempre tiveram um importante papel nesta minha caminhada.

Aos amigos que entraram na minha vida como uma bênção ao longo destes cinco anos, e que levo comigo para a vida.

À Liliana Caetano, por tudo aquilo que somos, pelo que construímos ao longo destes anos de partilha despreocupada e convivência extraordinária, por sermos, tantas vezes, um só. Pelo carinho incondicional, pelas conversas sempre isentas de horas e preconceitos, pela sinceridade constante e pela capacidade de me chamar sempre à realidade, por estar sempre presente em todos os momentos, por acreditar em mim, mesmo quando eu não sou capaz de o fazer. Pela empatia que deteta alegrias e angústias num mesmo sorriso, e onde não são necessárias palavras quando um olhar resume tudo.

À Ana Cláudia pelo carinho e boa disposição, pela amizade com que me recebe sempre e por todas as vivências partilhadas.

À Carolina Vieira, amiga querida de todos os momentos, pela inspiração e força maior, pela dedicação despreocupada e pela motivação diária, principalmente neste ano de estágio. Porque todas as palavras são poucas para agradecer aquilo que sempre faz por mim. À Márcia Ferreira, por esta amizade distante mas sempre presente, pela sua energia e boa disposição contagiante, pelo exemplo de dedicação e luta.

À Carina Silva e Cristina Silva, as minhas gémeas, por todo o apoio, por estarem sempre presentes. À Márcia Aguiar e à sua boa disposição contagiante, por uma amizade maior do que o oceano que nos separa. À Tânia Figueiredo, pela disponibilidade, simplicidade e humor, pela sua autenticidade e pela grande amizade que construímos.

Ao Adrien Andrade, pela importância que tem na minha vida, pela empatia, pelo carinho, honestidade e inspiração. Por tudo aquilo que nos une, pelo que somos e por tudo aquilo que vamos construir.

Aos meus amigos do mestrado, por estarem sempre disponíveis, por nunca me deixarem desistir, por acreditarem em mim e por nunca desistirem de o fazer.

À Vanessa Leal, pela sinceridade e amizade. À Cláudia Nóbrega, por todas as angústias e alegrias partilhadas, por ter-se transformado num sustentáculo da minha própria existência, pelos laços que se fortalecem cada vez mais e que me fazem acreditar na eternidade da nossa amizade.

Ao Paulo Mendes, por todas as conversas e desabafos, por ser sempre um ser humano extraordinário e um amigo incrível.

Ao Cristiano Ferreira, à Bruna Sousa e à Joana Sá, pela disponibilidade, motivação, interesse, pela amizade e pelas pessoas incríveis que são.

Aos meus orientadores da Escola E.B. 2/3 Gomes Teixeira, Professora Margarida Alves e Professor Fernando Santos, por todos os momentos de partilha e boa disposição. A toda a comunidade educativa do Agrupamento de escolas Infante D. Henrique, dedicando especial carinho à Professora Alice, ao Professor Joaquim e ao Professor Filipe, por terem sempre uma palavra de incentivo e compreensão. À dona Glória e à dona Margarida, por todos os bons momentos partilhados e por fazerem da escola um lugar mais acolhedor.

E, como não poderia deixar de ser, aos meus alunos, os primeiros, que vão ser sempre recordados com carinho e amizade. Sem eles, a realização deste relatório não seria possível.

Todas estas pessoas merecem o meu mais sincero agradecimento, sem elas não seria quem sou.

A todos, um muito obrigada!

Resumo

Num tempo em que se tendem a esbater as barreiras territoriais, e sendo o planeta cada vez mais uma aldeia global, é importante que se reflita sobre os particularismos das diversas culturas. Neste sentido, consideramos importante estabelecer uma ligação entre o local e o global no ensino, para que os estudantes possam compreender o mundo que os rodeia mas que também sejam conhecedores dos locais onde constroem as suas vivências diárias.

Assim, tendo por base a importância da memória e da identidade na preservação do património, pareceu-nos pertinente partir do estudo da História local para ensinar História e Geografia a alunos do 3.º ciclo do Ensino Básico.

Partindo do estudo do património imaterial da cidade do Porto, fomos em busca das memórias dos familiares dos alunos acerca dos festejos do São João nesta cidade. Assim, recorrendo à entrevista, quisemos resgatar as memórias daqueles que viveram estas festividades ao longo da segunda metade do século XX com a dos que as vivem na atualidade e, assim, comparar diferentes pontos de vista.

Sentimos que estas memórias estão ainda muito ancoradas a sentimentos e emoções, algo que sensibilizou os estudantes para a necessidade de recorrer aos testemunhos orais, sendo um importante contributo intergeracional.

Palavras-chave: Memória; Identidade; História local; Património imaterial; São João.

Abstract

In a day and age where the territorial barriers tend to be blurred, and where the world is becoming more of a global village, it is important to reflect on the particularities of each culture. In this sense, we consider the importance of establishing a connection between the local and the global in teaching, so that students can comprehend the world that surrounds them but also that they can have knowledge about the places where they build their daily lives.

Therefore, based on the importance of memory e identity on the preservation of patrimony, we thought appropriate to make use of the local History to teach History and Geography to students of 7th, 8th and 9th grades.

From the study of the immaterial patrimony of the city of Porto, we went in search of the memories of the students' families concerning the festivities of São João in this city. Thus, making use of the interview, we wanted to get na insight of those who lived these festivities through the second half of the 20th century with those who live it today and, thereby, compare the different points of view.

We felt that these memories are still very attached to feelings and emotions, something that sensitized the students to the necessity of resorting to oral testimonies as an important intergenerational contribution.

Keywords: Memory, Identity, local History, Immaterial patrimony, São João.

Índice das nomenclaturas

LBPC – Lei de Bases do Património Cultural

ONU – Organização das Nações Unidas

PCI – Património Cultural Imaterial

Unesco – Organização das nações unidas para a educação, a ciência e a cultura

E.B 2/3 – Escola de 2.º e 3.º ciclo do Ensino Básico

Introdução

“A noite de hoje será a noite popular por excelência – com um fundo nitidamente sanjoanino que atingirá o maior esplendor nas iluminações, nas Fontainhas, nos mercados. Noite de São João! Noite grande que o Porto nunca deixou de festejar – mantendo-se à vela, divertindo-se por todas as maneiras.”

Jornal de Notícias, 23 de junho 1949

O presente relatório resulta de uma investigação efetuada no âmbito da Iniciação à Prática Profissional Supervisionada, do Mestrado em Ensino de História e de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dada a natureza deste estudo, pretende-se partir da História local, do papel das memórias na preservação do Património imaterial e das relações que estabelece com o ensino da História e da Geografia, para aprofundar a temática relativa ao património imaterial da cidade do Porto, nomeadamente ao nível dos festejos Sanjoaninos.

Para iniciar este relatório, nada melhor que recuar até ao princípio de tudo para justificar o porquê de escolhermos este tema. De facto, no meio de tantas possibilidades de escolha, é importante referirmos a importância que esta temática tem para nós e as motivações que nos levaram a tomar esta opção em detrimento de qualquer outra.

Assim, entendendo o património, em geral, e o património imaterial, em particular, como uma forma de orgulho e de expressão, quisemos resgatar as memórias que compõem os festejos do São João no Porto e, desta forma, sentir e descrever a identidade de um povo que, ano após ano, (re)constrói estas vivências que se encontram enraizadas na cultura popular.

Quisemos enveredar pela História daqueles que nos antecederam e que marcam aquilo que somos, para estudar um legado que é tão nosso mas que carrega em si séculos de História e de Memória. Pode mesmo afirmar-se que se trata de uma forma de arte, pela magia que transporta, por sentimentos que provoca, uma arte que é efémera porque é destruída logo após os seus festejos, mas que se repete no ano seguinte. Estudar o São João do Porto é como estudarmo-nos a nós, portugueses, a nós, nortenhos e a nós, pessoas sempre bem acolhidas na cidade do Porto.

Numa terceira dimensão, optamos por selecionar este tema, por entendermos que nunca podemos dissociar aquilo que somos do lugar onde crescemos e do sítio onde vivemos, pois estes “lugares de alguém” marcam-nos de uma forma invisível, mas profunda, que faz com que estejamos para sempre ligados a eles. Molda aquilo que somos, a forma como vivemos e como sentimos, mesmo sem darmos conta, sem atribuirmos grande valor. Por isso, não seríamos os mesmos se tivéssemos nascido noutra país. Todavia, é interessante constatar que também não seríamos os mesmos se tivéssemos nascido noutra qualquer província de Portugal, mais a Norte ou mais a Sul,

não seríamos sem dúvida os mesmos. Porque a identidade de um lugar é também a nossa identidade pessoal, que pode ser mudada com o tempo, mas que não pode ser extraída na sua plenitude.

Entendendo as questões relacionadas com a preservação da memória e da identidade do património imaterial, pareceu-nos pertinente aplicar esta temática à educação, pois esta possui um papel nevrálgico na consecução de mecanismos que possibilitem aos estudantes a construção de referências que lhes permitam identificar-se no mundo. Poderá conferir-lhes a construção de uma identidade junto de familiares e conhecidos, sendo fundamental para a promoção de uma maior consciência do mundo que os rodeia e daquilo que antecede a nossa própria existência.

Estamos conscientes de que o estudo do património imaterial acarreta um conjunto de questões que se colocam com a análise das fontes e da bibliografia. Deste modo, as questões de investigação que estão na base deste estudo são, por um lado,

De que forma é que podemos ensinar História e Geografia recorrendo ao património imaterial de uma cidade?

De que forma é que o recurso a aprendizagens que envolvam memória e afetividade podem potenciar o estudo?

Quais são as vantagens de recorrer ao património imaterial de uma cidade para ensinar História e Geografia?

De que forma a aprendizagem da História e da Geografia se encontram ao serviço da compreensão e apreensão da nossa História local e das tradições?

Por outro lado, pretende-se apurar o contributo do estudo do património imaterial para cada uma das disciplinas, tanto ao nível da História como da Geografia. Assim, pretende-se apurar de que forma a História oral pode motivar os estudantes para o estudo da História? E quais as alterações da Geografia dos festejos do São João?

Para dar resposta a estas questões de partida, pretendemos recorrer às ideias dos estudantes relativamente aos festejos do São João na atualidade e as conceções dos seus familiares e conhecidos. Pretende-se assim, esboçar a memória daqueles que viveram o São João ao longo do século XX com aqueles que o vivem aqui e agora. Assim, será possível construir uma imagem do passado e delinear uma geografia dos festejos. Pensa-se ser importante que os estudantes reflitam sobre a importância destes testemunhos para a preservação do património imaterial e para reconstruir percursos muitas vezes subjugados ao abandono.

Todas estas questões encontram-se sequenciadas nesta investigação, que está organizada em duas partes: o enquadramento teórico e o enquadramento metodológico. Na primeira parte, esboçamos uma abordagem teórica sustentada nos conceitos de História local, património imaterial, memória e identidade, e a sua pertinência na aplicação ao conceito de sala de aula e, consequentemente, à educação. Na segunda parte, procedemos ao estudo de caso relativo à aplicação dos conceitos abordados no enquadramento teórico e a sua aplicação prática em contexto escolar.

Aqui apresentamos a metodologia utilizada, caracterizamos a amostra em que aplicamos esta investigação, assim como a análise das principais ilações que nos foi possível retirar.

Parte I

Capítulo I – Da História local à sala de aula

O presente capítulo pretende esboçar uma articulação entre a História local, a memória e a sala de aula. Pretendemos mostrar de que forma é que a escola e os alunos podem aprender História e Geografia recorrendo aos testemunhos dos mais velhos. Este capítulo surge da necessidade de compreender a importância dos testemunhos do passado para preservar as memórias e, assim, (re)construir identidades, que tanto podem ser de um povo como de uma cidade.

A análise dos testemunhos do passado enquadra-se numa visão de compreender o património de um local, tendo em vista o seu enquadramento histórico. Pois, nada brota do acaso, tudo possui uma dinâmica, portanto, consideramos pertinente compreender a importância das fontes orais para o estudo da História, e como é que estas podem constituir um elemento fulcral na construção da identidade e na preservação da memória.

Pretende-se, assim, fazer uma abordagem ao conceito de património, entender o que este implica, ou seja, o que abarca e o que repudia, para que nos seja possível destringir aquilo que é património a preservar daquele que não o é. Após este momento, será importante partir para um conceito que está muitas vezes associado e confundido com o de património, que é o de património imaterial. Aqui teremos como objetivo principal compreender aquilo que o património imaterial comporta, quais as principais diferenças relativamente ao conceito de património, perceber como é que a sua conceção foi evoluindo ao longo do tempo, focando como exemplo as festividades em honra de São João no Porto.

Esta é uma parte fundamental deste relatório, visto que a articulação entre património imaterial e o São João do Porto mais não é do que aquilo que dará mote à parte prática desta investigação e que nos guiará ao longo destas linhas. Este capítulo termina precisamente na articulação entre património imaterial e ensino, de forma a compreender de que modo é que o património imaterial pode ser importante para a compreensão da História local e, conseqüentemente, para o ensino da História e da Geografia.

A articulação entre História local, memória, identidade, património material e imaterial e educação será um eixo estruturante e fundamental ao longo deste capítulo, por entendermos que sem a clarificação e abordagem destes conceitos, não seria possível partir para a exploração das festividades sanjoaninas no Porto.

1.1. *A História local na construção da memória*

“ [...] o amor à terra pode constituir uma razão para a História local, porque o amor é mais perfeito e mais forte quando se apoia no conhecimento. Quem conhece a História da sua terra pode amá-la com mais consciência” (Ribeiro, 1998: 382)

Atendendo à necessidade de conhecer a História local como forma de reconhecer a importância daqueles que viveram antes de nós, consideramos pertinente iniciar o nosso estudo com uma citação de Francisco Ribeiro da Silva. Nestas linhas, o autor aponta aquele que, no nosso entender, é um dos pilares basilares no estudo da História local.

De facto, aquilo que, em primeiro lugar, motiva o estudo é o amor a algo, o querer saber mais sobre um acontecimento que nos desperte interesse. Neste sentido, o estudo da História local encontra-se associado ao sentimento de pertença a um determinado lugar ou região, algo que nos marca e que nos faz querer saber mais sobre a sua forma de vida. Assim, partindo do princípio de que o lugar onde nascemos marca aquilo que somos, molda a nossa forma de ver o mundo e a nossa personalidade, entendemos que não se pode dissociar aquilo que somos dos lugares onde vamos construindo a nossa história pessoal, algo que se mostra marcante e, conseqüentemente, indissociável daquilo que somos.

Numa outra dimensão, para além da pessoal, não podemos falar em História local sem mencionarmos a sua pertinência no estudo da História de um país. De facto, o local assume, muitas vezes, um papel de relevo na compreensão de certos acontecimentos que marcam a História nacional. Ela permite uma (re)construção da História assente em factos mais rigorosos e exatos, porque muitas vezes um acontecimento da História local pode mudar o rumo da História nacional, visto poder apresentar perspectivas que anteriormente não eram visíveis. E, o que é invisível aos nossos olhos, não é estudado, não é equacionado, portanto é colocado de parte devido ao desconhecimento.

A História local pode funcionar nesse sentido, no de despertar um conhecimento sobre factos que poderão revelar uma importância crescente no panorama nacional e, assim, apontar novos caminhos para investigações. Esta premissa poderá ser associada à memória, pois é com base nela que, muitas vezes, se reconstróem acontecimentos e novos paradigmas.

Segundo o dicionário dirigido por António Houaiss, *memória* é vista como a “faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos [...] conhecimento comum que um grupo de indivíduos tem de algo e que se supõe inerente a esse grupo”. (Houaiss: 2003, 2451) De acordo com esta visão, há referência para uma memória coletiva, para algo que se constrói em contacto com os outros. Todavia, nem todos os autores

mostram concordância relativamente à sua dimensão, visto que uns afirmam a memória como sendo socialmente construída, ao passo que outros referem uma memória individual.

Halbwachs insere-se no grupo de pensadores que sustentam que a memória é construída em sociedade, ao defender que “é na sociedade que as pessoas adquirem normalmente as suas memórias. É também na sociedade que recordam, reconhecem e localizam as suas memórias”. Deste ponto de vista, a memória funciona como um todo coletivo, que vai sendo construído de acordo com as influências daqueles que nos estão próximos, mas também tendo em conta o que a sociedade nos incute enquanto indivíduos. A memória apresenta-se, para Halbwachs, condicionada por aquilo que a sociedade pensa, e, conseqüentemente, pelos padrões que nos induz.

Todavia, para Fentress e Wickham, a “memória [...] é uma fonte de conhecimento privado, não social”, ou seja, para estes autores, a memória, deixa de ter um caráter coletivo para assumir uma dimensão própria, ou seja, de cada indivíduo em particular. Defendem que o conhecimento é algo que possuímos, mas que pode ser temporário, o que faz com que a memória possa ser facilmente deformada através de um conjunto de fatores que nos podem emitir uma outra imagem. Desta forma, recordar algo do passado transporta em si o presente mas também o futuro, o que poderá originar juízos de valor relativamente àquilo que poderia ter sido, mas que na realidade não foi.

Consideramos, assim, que a memória não deve ser encarada como um processo individual, mas antes como um processo social, por se tratar de algo muito maior do que reproduzir factos. Partindo do pressuposto de que o ser vivo é um animal social, que se desenvolve através do contacto com os seus semelhantes, a memória é “um processo de reconstrução seletivo e parcial. Para esse processo de reconstrução seletivo contribuem aspetos de ordem cognitiva e motivacional”. (Cabecinha, 2006: 5)

Pierre Nora fala-nos dos lugares de memória, defende que estes são “lugares onde a memória se cristaliza e segrega em si um momento particular da História”. São, assim, momentos que criamos para lembrar certos acontecimentos do passado. Pois, “a origem dos lugares da memória é o sentimento de que já não há memória espontânea, desta forma, temos que criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, de modo a manter uma ligação com o passado, e a criar a ilusão de eternidade, pois este tipo de atividades já não ocorre naturalmente”. (Martins, 2011: 26). Recriamos, assim, todos os anos momentos para que eles possam perpetuar, funcionando assim como algo planeado e não espontâneo.

“Os lugares de memória são simples e ambíguos, naturais e artificiais, uma vez disponíveis para a experiência concreta tornam-se suscetíveis das elaborações mais abstratas. Com efeito, eles são lugares de memória nos três sentidos da palavra: material, simbólico e funcional”. (Nora, 1989: 19)

Jacques Le Goff defende a existência de dois tipos de memória: a memória coletiva e a memória dos historiadores. Assim, a primeira revela sempre uma relação passado presente, ou seja, o passado é sempre visto à luz do presente o que origina uma análise pouco rigorosa do passado. A segunda deve revestir-se de um maior rigor, sendo superior a todas as teorias, na medida em que corrija os factos falseados. Todavia, o autor questiona “Mas estará o historiador imunizado contra um doença senão do passado, pelo menos do presente e, talvez, uma imagem inconsciente de um futuro sonhado?” (Goff, 1990: 23)

De facto, o historiador, para além do seu ofício, possui um conjunto de sentimentos, emoções e inclinações que fazem com que se perca, muitas vezes, a objetividade. Porque para além de historiador é, antes de mais, Homem.

“Se a memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade. Os abusos da história só são um facto do historiador, quando este se torna um partidário, um político ou um laico do poder político”. (Goff, 1990: 25)

Desta forma, para que se verifique uma maior verdade e validade histórica, é necessário recorrer a constantes verificações e revisões de levantamentos historiográficos. É necessário sistematizar os dados recolhidos e verificar a existência ou não de situações que nos mostrem outro caminho para a (re)construção da memória. (Goff, 1990: 27)

Apesar da existência de diferentes pontos de vista relativamente ao recurso à memória para o estudo da História local e da sua importância na preservação do património, deve também entender-se que na atualidade há uma crescente preocupação em compreender o passado de certos lugares e certos povos. Assim, Ana Mesquita defende que,

“Na contemporaneidade, a nova relação espaço – tempo afastou de forma profunda a cultura da sua esfera espacial, desvinculando-a de localidades particulares, levando à perda do sentido de continuidade e estabilidade nos indivíduos, o que justifica um interesse contemporâneo enorme no passado, no património e na memória” (Mesquita, 2013: 17)

De facto, na atualidade, há uma maior preocupação na preservação do património e, conseqüentemente, a História local ganha um papel de relevo devido à grande necessidade de preservação decorrente da atividade turística. O desafio que enfrentamos no presente é o de garantir a continuidade da preservação da memória, reconstruir e recorrer a rituais que permitam, ano após

ano, a perpetuação de certos acontecimentos. Como se reconstruíssemos todos os anos um pequeno fragmento do tempo que permanece presente.

Mas, mais do que compreender a História de um local, a memória permite a identificação das minorias na História, não passando esta a ser uma mera representação dos poderosos, mas antes uma narrativa de todos, mesmo daqueles que não tiveram um papel de destaque no panorama nacional ou local. Coloca a todos nos meandros da História, permitindo que todos possuam uma voz ativa.

“São os lugares da memória que dão voz aos acontecimentos das minorias, que permitem as identificações grupais, uma vez que, de outra forma, estas seriam varridas pela História, devido ao seu carácter universalista”. (Mesquita, 2013: 18).

Assim, tendo em conta que a memória tem um papel primordial no estudo da História local, e que há cada vez mais um forte interesse pelo regional e pelo local, pode afirmar-se que há uma crescente necessidade de encontrar a identidade, pessoal ou coletiva. Pois, “a busca pela memória é também uma busca pela identidade. A memória é um poderoso operador na construção da identidade”. (Martins, 2008:28).

Neste sentido, defendemos que a memória é socialmente construída porque as práticas sociais do grupo ou comunidade em que estamos inseridos comportam em si um conjunto de mecanismos que nos permite moldar o passado de acordo com as representações que se nos vão apresentando dele. É através destes que recordamos mais facilmente certos acontecimentos e, em contrapartida, devotamos ao esquecimento outros tantos. Trata-se de uma espécie de seleção que fazemos, que está relacionado com aquilo que vivemos e com quem o vivemos. (Cabecinhas, 2006:6)

1.2. A memória dos outros na construção da identidade

Sendo a memória um instrumento primordial para o estudo da História local, será pertinente e indissociável falar da necessidade de recorrer aos testemunhos do passado para a construção da identidade de um local. Desta forma, torna-se quase inevitável falar sobre as fontes orais e a sua importância para a História e para a Geografia.

A História oral, apoiada em testemunhos do passado, permite que cada um de nós seja ator da História, seja um fazedor de História através de acontecimentos que vivenciou ou que

presenciou. Mais do que estudar o passado a várias vozes, a História oral dá “voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, os «derrotados»”. (Joutard, 2000: 31).

A História oral é extremamente rica na medida em que nos confere sentimentos, emoções e memórias que não se conseguem transmitir em documentos, que não são passíveis de ser dactilografadas, são antes representações que têm um significado que transcende a escrita.

“É através do oral que se pode aprender com mais clareza as verdadeiras razões de um decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional”. (Joutard, 2000: 32)

Todavia, apesar de a comunidade académica reconhecer a importância da História oral para a construção de mecanismos sustentadores de acontecimentos históricos, é importante identificar as suas limitações e as suas fraquezas. Deste modo, é importante compreender que para além desta dimensão, o recurso a testemunhos poderá comportar em si o esquecimento a que muitas vezes devotamos certos acontecimentos. Por vezes, a memória transmite-nos uma imagem do passado um pouco distorcida, mostrando-nos, aquilo que queríamos que fosse, mas que na realidade não aconteceu. (Joutard, 2000: 32).

Assim, tendo em conta estas fragilidades, o Historiador tem a necessidade de recorrer a mecanismos que lhe permita identificar situações em que a verdade não está a ser transmitida tal como ela é. Desta forma, é necessário um conjunto de destrezas que permitam avaliar se de fato o testemunho nos revela a realidade.

Philippe Joutard identifica mecanismos importantes para tal concretização:

“Para nos ajudar é indispensável a análise da totalidade do documento: hesitações, silêncios, lapsos... assinalemos, ainda, o interesse da gravação em vídeo, que permite capturar também gestos e expressões”. (Joutard, 2000: 33)

Fentress e Wickham defendem que as fontes orais estão subjugadas para um papel secundário, visto que os historiadores têm a tendência de recorrer a exemplos, tende a ser vista como algo que está na cabeça das pessoas e não como um documento que poderá ser utilizado efetivamente para a construção de novos conhecimentos sobre o passado. Estes questionam-se “o que é a memória? Caçamo-la como um questionário ou devemos usar uma rede para borboletas?”. (Fentress e Wickham, 1992: 14)

Efetivamente, o conhecimento sobre um determinado facto pode facilmente ser adicionado ou subtraído, é algo temporário, sendo que “ter algum conhecimento na nossa cabeça é [...]

muito mais como tê-lo num bocado de papel que se traz no bolso”. (Fentress e Wickham, 1992: 16)

Desta forma, não se pode dissociar o conhecimento da memória e das emoções, pois estas funcionam como um todo quando tentamos recordar algo do passado. Todos estes aspetos funcionam no sentido de repescar um determinado acontecimento ou facto,

“Recordamos conhecimento, mas também recordamos sensações. A memória [...] penetra em todos os aspetos da nossa vida mental, dos mais abstratos e cognitivos aos mais físicos e inconscientes. A memória está sempre operante no nosso espírito; ler este livro, procurar um amigo, pensar em notícias, tudo isso é, em parte, exercícios da memória” (Fentress e Wickham, 1992: 17).

Fentress e Wickham defendem a existência de dois segmentos da memória: uma parte objetiva e outra subjetiva. A primeira diz respeito aos factos que percecionamos, onde nos limitamos a conservar o conhecimento que adquirimos. Ao passo que a segunda inclui também os sentimentos que lhes associamos, ou seja, o significado que atribuímos à informação que adquirimos.

“O que faz a memória «objetiva» parecer mais objetiva do que a memória dos sentimentos e da experiência pessoal é simplesmente o facto de podermos articular e comunicar por palavras a primeira mais facilmente do que a última. A memória «objetiva» é simplesmente o melhor veículo para transportar informação; é o aspeto da nossa memória mais facilmente acessível aos outros”. (Fentress e Wickham, 199: 19)

Permite-nos construir uma segurança relativamente aquilo que é descrito e dito. Não nos deixa cair num acreditar só porque o testemunho o refere. É, antes, o testar e compreender a realidade vista à luz daquele indivíduo naquele tempo histórico.

Para a compreensão de um determinado acontecimento ou momento histórico, é fundamental recorrer a estes testemunhos, pois permitem que se escrutine aquilo que não está ao nosso alcance nos livros, o que não pode ser escrito em nenhuma língua, que são os sentimentos, as emoções, o saber que alguém viveu aquele momento torna o acontecimento mais autêntico, mais próximo de nós, permite-nos compreender os horrores por que uma população passou, sentir a pele levantar de emoção, ou pelo contrário, sentir a glória de uma revolução bem-sucedida, sentir o calor da vitória no rosto de quem viveu este acontecimento de perto.

Refira-se a título meramente exemplificativo, o Holocausto aquando da II Guerra Mundial, que vitimou milhares de pessoas. Este acontecimento, quando abordado em aulas de História,

ganha mais realismo quando é aprendido com recurso a testemunhos de pessoas que sentiram os horrores dos campos de concentração, que viram dia após dia o seu vizinho morrer e ter que viver com a sensação de ter “escapado” da morte. Este tipo de testemunhos causa um enorme respeito e sensibilidade no aprendiz, para além da imagem extremamente realística deste acontecimento histórico que fica do passado. Trata-se de sensibilizar para que atos como este não se repitam.

Desta forma, a memória associada aos testemunhos orais, permite a construção de uma identidade, sendo ela pessoal ou social. Assim, entendendo a construção da identidade como “um processo mental que permite dar coerência à vida dos indivíduos” (Mesquita, 2013: 13), devemos entendê-la como algo que está em constante evolução e retificação.

Segundo o dicionário MORAIS, a identidade refere-se sempre aquilo que caracteriza uma pessoa ou grupo, remetendo assim para algo que é relacionado com a definição da personalidade, ou seja “estado do que não muda, do que fica sempre igual [...] consciência da persistência da própria personalidade [...] conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa e graças às quais é possível individualizá-la”. (Morais, 1959: 2029)

Para J. P. Chaplin, identidade refere-se ao próprio indivíduo e à sua personalidade, sendo “as condições para ser o mesmo, em todas as suas características essenciais”. (Chaplin: 1981, 277)

Assim, a identidade de um povo ou sociedade, vai sendo moldada pela identidade dos seus membros. Por sua vez, os membros de cada sociedade possuem hábitos, costumes e crenças que os caracterizam. Estes pressupostos fazem parte da sua cultura, moldam a sua forma de vida e representam, efetivamente, a sua identidade. Todavia, para que se perpetue a memória, é necessário que se recorra à preservação destes elementos.

Para Handler (1994) este termo de identidade é utilizado em, pelo menos, três aspetos da vida humana: pessoas individuais, coletividades imaginadas como individuais e o modo como os primeiros assimilam a identidade coletiva para a sua própria identidade. Defende que a identidade tem sido distorcida para uma noção de ideologia nacionalista.

Castells defende a identidade como a forma de expressão de um povo, entendendo que se trata de “um processo de construção de significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras formas de significado”. (1992: 22)

Este autor alerta para a necessidade de fazer uma distinção entre este conceito e o de papéis. Estes últimos são definidos por normas e instituições da sociedade, que só são internalizadas pelos indivíduos se existir um acordo entre estes e as instituições, ao passo que as identidades “constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas e, construídas por meio de um processo de individuação”. (Castells, 1992: 23)

Desta forma, pode dizer-se que as identidades organizam significados, ao passo que os papéis organizam funções. Relativamente aquilo que constrói a identidade, o autor defende que

ela “vale-se da matéria-prima fornecida pela História, Geografia, Biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”. (Castells, 1992: 23)

Entendendo a identidade como algo marcado pelas relações de poder, Castells defende a existência de três formas e origens de identidade. A identidade legitimadora que se encontra inscrita pelas instituições da sociedade de modo a racionalizar a sua ação sobre os atores sociais. A identidade de resistência, que está ligada àqueles que se encontram no oposto da anterior, na medida em que resistem aquilo que a sociedade transmite. E a identidade de projeto, que está ligada à construção de uma nova identidade de forma a redefinir a sua posição na sociedade.

Martins (2008) afirma que “as análises académicas recentes sobre identidade coletiva têm demonstrado alguma tensão entre a noção de que a identidade é imutável, e a noção de que a identidade é construída e reconstruída pela ação histórica, embora cada vez mais investigadores optem pela segunda hipótese como sendo a mais válida”.

De facto, consideramos que a História possui esta influência sobre a identidade, sendo que quando surgem estudos historiográficos que demonstram certa relevância para a História nacional, tende-se a rever certos particularismos da História e a repensar a própria identidade. Neste sentido, podemos afirmar que a memória dos outros, ou seja, daqueles que vivenciaram e presenciaram um determinado momento ou acontecimento histórico, permite a (re)construção da própria identidade.

1.3. O conceito de Património

Não poderíamos falar em memória e identidade sem referirmos o conceito de património e tudo aquilo que abarca. De facto, estes conceitos esbatem-se e complementam-se na medida em que a identidade se assume como algo coletivo e o património como algo que resiste ao longo dos tempos mas que é necessário preservar. Muito se fala em Património, mas, afinal o que é o Património?

A palavra Património tem origem latina – *Patrimonium* – que se referia, na antiga Roma, a tudo aquilo que pertencia ao pai de família, abarcando, para além da mulher e dos filhos, bens móveis e imóveis e também os escravos. Assim, o património era “um valor aristocrático e privado, referente à transmissão de bens no seio da elite patriarcal romana. Não havia o conceito de património público”. (Funari e Pelegrini, 2006: 11)

Ao longo da Idade Média, assumiu-se um património intimamente relacionado com a religião, através da sagração dos lugares e dos rituais coletivos. No Renascimento, assistiu-se a

uma mudança, com o rompimento das bases aristocráticas e com o surgimento dos Estados nacionais.

Assim, até ao século XVIII, o património era algo privado, não sendo compartilhado, era visto como pertença a uma determinada elite social. Esta visão altera-se com o surgimento do Estado Moderno. Durante a Revolução Francesa foi mesmo criada uma comissão para preservar o património dos monumentos nacionais, sendo a primeira lei neste sentido datada de 1887. Nos Estados Unidos, a primeira lei data de 1906, mas em ambos os casos, o património é visto como algum monumento em concreto, sendo que este deveria ter características excecionais e belas. A isto acrescia também a necessidade de criar instituições patrimoniais para defender a proteção desse edificado. (Funari e Pelegrini, 2006: 19)

No período compreendido entre o início da Grande Guerra e o final da segunda Guerra Mundial, o património pode ser visto à luz dos nacionalismos. Os italianos recorriam aos vestígios romanos para consolidar a sua teoria Nacionalista. Os alemães, por seu lado, recorreram aos vestígios germanos para justificar as suas ocupações territoriais.

Em 1937, na Conferência de Atenas, ainda no contexto da Sociedade das Nações, defendeu-se a proteção e salvaguarda do património cultural da humanidade.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e, conseqüentemente, a criação da ONU e da Unesco em 1945, desenvolveram-se outras prerrogativas para que esta salvaguarda se verificasse.

Neste sentido, após a queda dos nacionalismos/imperialismos, surge a consciencialização de que é necessária a diversidade.

“Como consequência, os próprios conceitos de ambiente e cultura sofreram alterações. O meio ambiente e a cultura foram, muitas vezes, valorizados pelo seu caráter único e excecional. Com o despertar para a importância da diversidade, já não fazia sentido valorizar apenas, e de forma isolada, o mais belo, o mais precioso e o mais raro”. (Funari e Pelegrini, 2006: 26)

Para Ferreira de Almeida, património é o que tem “qualidade para a vida cultural e física do homem e para a existência e afirmação das diferentes comunidades, desde a vicinal e paroquial, à concelhia e regional, até à nacional e internacional. É neste duplo aspeto [...] o de «património como valor de identidade e de memória» de uma comunidade e [...] o de «património como qualidade de vida» [...] que se lhe dará, futuramente, maior importância” (Almeida, 1993: 408)

Alguns autores defendem que o património é algo que se conceptualiza na sociedade contemporânea, sendo assim produto de uma História recente. Para Victor Jorge, o património “não é uma essência, nem um valor atemporal – é uma invenção da sociedade contemporânea. Logo, para o entender, [...] para o perceber como sintoma, é preciso reportarmo-nos à sociedade contemporânea no seu todo”. (Jorge, 2004: 3)

Outros defendem o carácter extensivo para o domínio do material e do imaterial. Para Marques e Martins “a noção de património é cada vez mais abrangente, tendo-se alargado do material ao imaterial, do objeto localizado ou do simples monumento evocativo, a conjuntos territoriais mais vastos, às paisagens e até mesmo, aos códigos genéticos e à biodiversidade”. (Marques e Martins, 1998: 125)

De facto, muitos são os colóquios e seminários que se têm dedicado ao Património, sendo que na atualidade este apresenta um sentido mais restrito, na medida em que urge a necessidade de redimensionar aquilo que comporta. Durante mais de dois mil anos, o património era visto como algo que pertencia a uma casa, pessoa ou instituição.

“Toda a comunidade humana, qualquer que ela seja, sempre teve e, antropologicamente, terá de ter as suas referências de memória, [...] os seus monumentos, mesmo que estes sejam orais. Este seu património cultural é a garantia da sua identidade”. (Almeida, 1993: 411)

Durante a Revolução Francesa, o património adquire uma outra dimensão, ao ser necessário salvaguardar o «património artístico e monumental da nação», comportando em si uma necessidade de sensibilizar o respeito para a salvaguarda desse património. Ao longo do século XIX e XX, há a tendência de nacionalização dos monumentos mais importantes da nação. Mais recentemente, após a Segunda Grande Guerra, começou a falar-se muito para além de um património nacional para dar lugar a um património europeu e, posteriormente, mundial. Construiu-se, assim, a consciência de que o património deve ser visto como uma herança cultural que não conhece fronteiras, mas antes que constitui um valor para a humanidade.

Para além da abrangência que assume na atualidade, também se devem salientar as mudanças que se operaram na sua classificação patrimonial. De facto, durante muito tempo recorreu-se à demolição de edifícios que se encontravam nas proximidades dos monumentos, para que estes tivessem um novo enquadramento. Todavia, na atualidade, entende-se que o monumento só tem real significado se estiver envolvido no seu contexto, ou seja, defende-se a existência de relações profundas com o local onde está inserido, daí a necessidade de manter a sua envolvência.

Ferreira de Almeida recorre a Leniaud para apresentar esta dimensão restrita – o património é “um conjunto de bens que uma geração sente que deve transmitir às seguintes porque pensa que esses bens são um talismã que permite à sociedade compreender o tempo nas três dimensões”. (Almeida, 1993: 409)

Evoca-nos, neste sentido, para algo que está relacionado com o passado, com o presente mas também com uma necessidade quase que constante de antever o futuro, na medida em que é pensado à luz daquilo que queremos que seja preservado para as gerações que nos vão preceder.

“À semelhança das pessoas que, se não tiverem os seus sítios da memória, são/estão alienadas, têm uma vida sem sentido, caso daqueles que perderam todo o interesse [...] também as comunidades, como tais, necessitam de ancoradouros de memória, de sítios de valores e de padrões, isto é, de um património que seja o fundamento da sua consciência e que lhes garanta a perspetivação do futuro.” (Almeida, 1993: 412)

Esta ligação do património com o local onde está inserido, assim como a necessidade dos lugares da memória para a construção de uma identidade, faz com que seja fundamental olhar o património como algo que faz parte do presente, e não como uma mera recordação. Deverá ser, assim, olhado como o «futuro do passado». De facto, os monumentos devem ser vividos na contemporaneidade, respeitando o passado mas conferindo-lhe significado e atualidade. Pois, o Património “para o ser, tem que estar presente e vivo, de algum modo.” (Almeida, 1993: 412)

Desta forma, o património deve ser um espelho da memória, na medida em que deva ancorar em si a identidade daqueles que viveram num dado local, onde se processaram determinados acontecimentos históricos.

“A memória, tanto ao nível individual como coletivo, é sempre uma construção do presente, de um presente em permanente fuga para o passado e para o futuro, essas duas figuras do abismo da consciência” (Jorge, 2004: 3)

Nesta linha de pensamento, também devemos mencionar e ter em conta as nossas próprias concepções que emitimos acerca daquilo que é património. Existem, assim, diferentes abordagens relativamente a este conceito,

“Hoje quando falamos em património, duas ideias diferentes, mas relacionadas, vêm à nossa mente. Em primeiro lugar, pensamos nos bens que transmitimos aos nossos herdeiros - e que podem ser materiais, como uma casa ou uma joia, com valor monetário determinado pelo mercado. Legamos, também, bens materiais de pouco valor comercial, mas de grande significado emocional, como uma foto, um livro autografado ou uma imagem religiosa do nosso altar doméstico.” (Funari e Pelegrini, 2006: 8)

Funari e Pelegrini defendem a existência de dois tipos de património: o património individual e o património coletivo. O primeiro depende de nós e do significado que atribuímos a algo, ao passo que o segundo tem que ver com a determinação de importância que é feita por outras entidades coletivas.

Mas, para além desta dimensão que abarca todo o tipo de património, é também importante compreender que o património pode não ser papável, na medida em que pode assumir outras

feições que não nos permitam ver mas antes sentir. Referimo-nos a algo que está para além do edificado, que se reporta para a imaterialidade.

“É neste contexto que se desenvolve a noção de imaterialidade do património. Uma paisagem não é apenas um conjunto de árvores, montanhas e riachos, mas sim uma apropriação humana dessa materialidade”. (Funari e Pelegrini, 2006: 25)

1.3.1. *Património imaterial*

Para além desta dimensão do património no seu sentido mais lato, é necessário recorrer ao conceito de património imaterial para que nos seja possível chegar ao ponto de partida do presente relatório. Assim, não poderíamos continuar esta abordagem sem antes refletirmos sobre aquilo que é o património imaterial e a sua importância na contemporaneidade.

Quando nos concentramos neste conceito, verificamos a existência de algo que não é palpável mas que se sente. De facto, este conceito de imaterialidade relega-nos para uma análise ao nível das sensações, das tradições e daquilo que vai muito para além do visível.

Esta definição de património imaterial surgiu em 1989, através da UNESCO, numa recomendação da salvaguarda da cultura tradicional e popular e, mais tarde, em 2001, no seu *Projeto de Proclamação das Obras-primas do Património Oral e Imaterial da Humanidade*.

De acordo com a Lei de Bases do Património cultural, de 2001, o património imaterial é entendido como algo que “integra o património cultural as realidades que, tendo ou não suporte em coisas móveis ou imóveis, representem testemunhos etnográficos ou antropológicos com valor de civilização ou de cultura com significado para a identidade e memória coletivas”¹.

No que diz respeito à legislação existente sobre PCI, a mais antiga refere-se ao Japão, após a Segunda Guerra Mundial, onde a modernização do país colocou em causa o seu tradicionalismo. A legislação que entrou em vigor tinha como objetivo atuar no sentido de sensibilizar a população para as práticas e técnicas ancestrais tidas como importantes fatores de identidade nacional. (Carvalho, 2012: 29)

Todavia, a realidade defendida neste país asiático era ainda muito incipiente relativamente à intangibilidade, devido ao facto de comportar em si um grande valor material. Neste sentido, em 1968, a UNESCO apresenta uma noção de património imóvel como algo ligado às obras de arte e artefactos arqueológicos ou o património imaterial encontrado no subsolo ou superfície terrestre. (Pisco, 2014: 26)

¹ LBPC, Lei nº107, de 2001

Em 1972, com a *Convenção para a Proteção do Património Cultural e Natural*, a UNESCO destaca a relevância dos bens patrimoniais, evidenciando a sua importância para a Humanidade, reconhecendo a não existência de fronteiras para este património. Todavia, o património ainda era visto como material, não sendo reconhecido o património imaterial.

Só nos anos 80 é que foram dados os primeiros passos no sentido de um reconhecimento da existência efetiva de um património imaterial. Assim, nos anos 80, a UNESCO na *Mondiacult – World Conference on Cultural Policies*, é reconhecido que a cultura compreende

“O complexo de bens materiais, espirituais e recursos emocionais que caracterizam uma sociedade ou grupo social. Inclui as artes, os modos de vida, os direitos fundamentais, os sistemas de valores, as tradições e as crenças”².

Esta conferência é tida como um pilar importante na construção da noção do património imaterial e da sua defesa a nível internacional. Assim, é entendido o património como

“Todas as manifestações materiais ou imateriais que constituem o trabalho dos artistas, bem como dos autores anónimos que contribuem com o seu trabalho para as manifestações de carácter popular e espiritual. Inclui desta forma, todos os trabalhos materiais ou imateriais através dos quais os povos expressam a sua criatividade: a língua, os rituais, as crenças, os sítios e os monumentos históricos, a literatura, obras de arte, arquivos e bibliotecas”³.

É, deste modo, reconhecida a importância da identidade de uma sociedade, através das suas expressões, dos seus modos de vida e da sua memória, que fazem com que se torne especial e única. Pois, um dado ritual ou festa, por exemplo, são vividos de forma diferente entre comunidades distintas, mesmos que estas até se encontrem próximas geograficamente.

Em 1984, com *The world's Non-Physical Heritage – Consultation of Experts to Define Non-Physical Heritage*, a UNESCO procura apresentar uma definição de PCI como forma de responder a um mundo crescentemente globalizado, onde se apresenta fundamental manter a identidade de cada povo. Apresenta, desta forma, uma matriz ligada às tradições, à transmissão entre as diversas gerações das manifestações culturais, para que fosse possível a sua perpetuação.

² *Mondiacult – World Conference on Cultural Policies*

³ *Mondiacult – World Conference on Cultural Policies*

Outros foram os encontros que se seguiram, da UNESCO, acerca do PCI⁴, mas da Recomendação de 1989, surge a definição de cultura tradicional e popular como o “conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressões da sua identidade cultural e social; as normas e os valores transmitem-se oralmente, por imitação ou de outras maneiras. As suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras áreas.” (UNESCO, 1989: 2)

Esta surge como uma das primeiras formas de valorizar o património não material, onde é incluída a necessidade de recorrer a documentos para que os investigadores possam aferir a forma como se processavam determinados rituais. Podemos verificar que, neste sentido, a UNESCO procurou, ao longo do século XX e inícios do século XXI, afirmar uma posição relativamente ao conceito a atribuir aquilo que atualmente designamos de Património Imaterial⁵.

A *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*, de 2002, apresenta a necessidade das diversas culturas manterem o respeito pela sua identidade, através da sua preservação, pois

“toda a criação tem as suas origens nas tradições culturais, porém desenvolve-se plenamente em contato com outras. Essa é a razão pela qual o património, em todas as suas formas, deve ser preservado, valorizado e transmitido às gerações futuras como testemunho da experiência e das aspirações humanas, a fim de nutrir a criatividade em toda a sua diversidade e estabelecer um verdadeiro diálogo entre culturas” (UNESCO, 2002: 4)

Porém, é com a Convenção para a salvaguarda do PCI em 2003 que se assiste ao elencar dos princípios e da importância deste património. Desta forma, reconhece-se o PCI como gerador da diversidade cultural, destacando-se a necessidade de proteção face ao mundo globalizado e aos crescentes conflitos étnicos. Defende-se que o PCI corresponde às

⁴ *Meeting of Working Group for the Preparation of a Plan action do safeguard the Non-Physical Heritage* (1987)

Recommendation on the Safeguard of Traditional Culture and Folklore (1989), onde há uma oposição em distinguir conceitos, visto existir dificuldade nas diversas traduções deste documento, que nuns casos, o termo PCI surge denominado de folclore e em outros de cultura popular.

⁵ Para além das mencionadas, há também que referir o *Programa para a salvaguarda das línguas do mundo em perigo – programa tesouros vivos* (1993); *Relatório International consultation on new perspectives for Unesco’s programme: The intangible cultural heritage* (1993); *Definitions for intangible cultural heritage* (2000); *Masterpieces of the oral and intangible heritage of humanity* (2001); e *Third round of ministers of culture – intangible cultural heritage, mirror of cultural diversity* (2002)

“práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconhecem como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse [PCI] transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo [...] para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana”. (UNESCO, 2003: 4)

Este termo compreende as tradições e expressões orais, as artes, as práticas sociais, assim como rituais e eventos festivos, práticas relacionadas com a natureza e o universo e tudo o que esteja associado com o artesanato tradicional. Nesta convenção também se determina a necessidade de constituir um Comité para salvaguardar o PCI, que se designa de *Comité intergovernamental para a salvaguarda do património cultural imaterial*. (UNESCO, 2003: 5)

Esta convenção apresenta-se como um pilar importante para a consolidação de uma definição, de princípios e salvaguardas relativamente ao PCI. Todavia, esta ainda não reúne consenso, sendo alvo de críticas, revelando a necessidade de um novo documento orientador e reformador.

De acordo com a UNESCO, o património imaterial tem de ser transmitido de geração em geração; recriado por comunidades e grupos como resposta ao seu ambiente, à sua interação com a natureza e com a História; proporcionar sentido de pertença de identidade e continuidade a uma determinada comunidade; promover o respeito pela diversidade cultural e criatividade humana; apresentar uma compatibilidade com os instrumentos de regulação dos direitos humanos; e promover o respeito entre as comunidades e o seu desenvolvimento sustentável.⁶

Para José Jorge (2003:3), “se há algo que define o património enquanto herança cultural e que é comum a todas as suas aceções contemporâneas, esse algo é a imaterialidade”. O autor defende que, em certa medida, todo o património terá algo de imaterial, porque quando nos referimos ao património estamos a fazer uma alusão à memória, individual ou coletiva, à identidade, real ou imaginária, construída sobre um determinado local.

Neste sentido, quando olhamos para o património edificado, estamos não só a visualizar um edifício, mas antes algo pensado à luz da cultura de uma época específica e que carrega em si séculos de História, mas também de memória e de identidade de um povo. Não podemos dissociar

⁶ <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?pg=00002>

aquilo que foi construído do contexto social e Histórico em que foi criado e vivido, é como que se vislumbrássemos um fragmento do tempo, que permaneceu até aos nossos dias.

Apesar de esta ser uma discussão que nos interessaria debater, dada a amplitude que acarreta, na medida em que compreendemos que, efetivamente, o património pode ser, todo ele, imaterial devido à carga de identidade, memória e afetividade que comporta, não podemos, no entanto, desviarmo-nos daquilo que nos propúnhamos inicialmente.

José Gonçalves defende que este património alberga “lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas, entre outros. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspetos materiais e mais nos aspetos ideais e valorativos dessa forma de vida”. (Gonçalves, 2003:28)

Assim, para além desta dimensão, importa também refletir naquilo que a UNESCO defende como sendo património imaterial e que consideramos repudiar muito mais do que aquilo que realmente contempla. Pois, tal como afirma Fernando Pinto, é necessário incluir nesta designação de património imaterial também o saber fazer, porque

“podemos ter as partituras e o som da música, mas precisamos do gesto que transforma com virtuosismo uma na outra [...] sabe-se que [...] não é possível imitar o virtuosismo, mas poder-se-á pelo menos tentar descodificar-lhe a essência do gesto. Isto é, o *Know-how*, o *savoir faire*, o saber fazer”. (Pinto, 2003: 20)

Após a constatação de todas estas perspetivas relativamente ao conceito de património imaterial, compreendemos que esta conceção tem que ver com tudo aquilo que faz parte da identidade de uma cultura, numa dimensão que se reporta aos afetos, ao saber-fazer, aos ritos, ou seja, à permanência da identidade daqueles que viveram num dado local num certo período de tempo. A todas as manifestações grupais que se baseiam tanto em fontes documentais como nas fontes orais, que depois de revista a sua validade, poderá ser considerada como pertença a um determinado grupo e sociedade. Pode parecer pretensioso elencar uma definição um pouco nossa devido ao facto de ter sido alvo de tantos estudos. Todavia, para nós, não faz sentido não abarcar todas estas dimensões dada a riqueza da memória e da identidade que o património imaterial pode representar para uma sociedade.

1.3.2. *Festejos do São João do Porto como identidade de uma cidade*

Entendendo os festejos do São João do Porto como elemento fundamental do património imaterial desta cidade, consideramos pertinente abordar este acontecimento, que se repete ano

após ano, como um elemento nevrálgico da cidade do Porto. Para que este subcapítulo contenha uma maior riqueza, consideramos pertinente fazer uma pequena abordagem histórica e geográfica desta festividade e dos rituais que comporta.

Todos os anos, no dia 24 de junho, o Porto sai à rua para festejar o São João. Este não é somente o santo mais popular do Porto, mas também aquele que é mais festejado por toda a Europa. No entanto, os seus festejos não encontram paralelo com as características que adquire na cidade do Porto. Tal como afirma Germano Silva,

“é no Porto que ele é celebrado como em nenhuma outra parte do mundo – no meio de uma grande alegria coletiva em que participa, ativamente, não apenas um bairro ou uma comunidade, mas uma cidade inteira, que passa toda uma noite na rua, com as pessoas a saudarem-se mutuamente com o alho-porro da tradição ou o martelinho de recente inovação” (2000: 251)

Desta forma, é necessário formular um conjunto de questões relativamente a estes acontecimentos: porque é que uma cidade inteira sai à rua neste dia? Qual o significado destes festejos? Qual a verdadeira tradição associada a este santo? De facto, há um conjunto de interrogações que se nos interpelam, sendo aqui momento de refletirmos sobre elas e apresentarmos algumas respostas.

Segundo Hélder Pacheco, a data mais antiga referente aos festejos sanjoaninos é de 1384, onde Fernão Lopes refere “Elles no Porto, por ledice de sua viimda, hordenarom huú torneio em véspera de sam joham, que era dia em que os moradores daquela çidade costumavom fazer gram festa”. De facto, esta passagem das crónicas refere a existência de uma festa no século XIV, o que nos indica que esta encontra raízes medievais que nos poderão indicar a longevidade destes festejos.

Mas, antes de partirmos para a análise da evolução histórica dos festejos deste santo, importa saber quem era São João e a que santo são dedicadas estas festividades. De acordo com Germano Silva, designa-se de São João Baptista por exercer a função do batismo nas margens do Rio Jordão, e “foi a figura escolhida pela Igreja para afastar os povos dos cultos e das festas pagãs que ocorriam por alturas do solstício do verão”. (2001: 251)

Hélder Pacheco refere-se a este santo como o que levou “uma vida ascética no deserto da Judeia, e a força das suas convicções rivaliza com a dureza do ambiente fustigado por um sol abrasador”, daí a imagem de São João ser muitas vezes representada sob duas formas: uma criança com um carneiro aos seus pés ou um adulto de cabelo comprido, barba e vestes de pele de camelo. (Silva, 2001: 251)

Hélder Pacheco baseia-se num artigo do *Jornal de Notícias* de 24 de junho de 1910, onde há referência a uma pequena reflexão acerca de São João onde é referido que,

“a popularidade de São João Baptista depende mais da epocha em que a sua festa se realiza do que do conhecimento das suas virtudes. S. João passou no deserto a vida, pregando a penitência, vestido de pelles e alimentando-se de mel silvestre; depois, cheio de indignação por ver o vício triumphante no throno, correu ao palácio do tetrarca e exprobando-lhe o adultério foi metido na prisão e em seguida degolado. [...] a sua vida de asceta e a sua morte de martyr parece que deveriam inspirar sentimentos opostos aquelles que annualmente, no dia 24 de junho, vemos exhibirem as multidões”. (2004: 21)

Há autores, porém, que afirmam que esta festividade portuense se reporte a São João de Terzónio, devido ao facto de o alho-porro ser visto como uma das formas de curar a febre. Mas que ao longo dos anos se pode ter sobreposto o São João Baptista, santo universal. Todavia, muitos documentos referentes à edificação de igrejas e mesmo da vila de São João da Foz estariam a referir-se a São João Baptista, o que é uma indicação de que a festividade do dia 24 se deve a São Baptista e não a São João de Terzónio.

Contrariamente a outros dias consagrados a outros santos, o dia 24 de junho assinala o nascimento de São João, pois, na maioria dos casos, os dias dedicados aos santos servem para assinalar o dia da sua morte.

Relativamente à importância que este santo assume na vida portuense, é importante constatar os momentos em que ele é invocado em monumentos, bairros, ruas, construções ferroviárias, assim como inúmeros aspetos do quotidiano da cidade. São muitas as imagens e alusões a São João Baptista na cidade do Porto, o que nos mostra bem a relação existente entre os habitantes da cidade e este santo. No que diz respeito à assistência, há registos, na Idade Média, do hospital dedicado a São João Baptista em Cimo de Vila. No século XV a Confraria de Nossa Senhora da Silva integrava os Irmãos do despacho do hospital de São João Baptista e no século XX o Hospital de São João. Também de referir o asilo de São João na rua da Alegria em 1892.

A nível arquitetónico, há, desde 1789 o Teatro de São João e uma ponte ferroviária dedicada a este santo. Também a rua e a Travessa de São João da Foz e em Paranhos o monte de São João.

Tendo em conta que, durante a Idade Média, o calendário era ajustado ao das festas religiosas, sendo que o ano litúrgico iniciava-se com o Natal e o ano civil era datado de acordo com a tradição de cada localidade, no caso do Porto, este momento era marcado pelo São João, visto ser o dia em que se efetuava o início de novas funções.

Durante a época moderna, os festejos estenderam-se por toda a cidade, acompanhando o crescimento da urbe. As festividades eram assinaladas com grupos que dançavam e cantavam ao som de pandeiros e adufes.

No que diz respeito à sua origem e pertinência no mês de junho, há autores, como Hélder Pacheco, que entendem que o São João apresenta-se, antes de mais, como o festejo do solstício de verão, onde se verifica a plenitude do sol, que atinge o seu ponto máximo. Este comporta um duplo simbolismo, por um lado, os dias começam a diminuir, mas, por outro lado, a vegetação atinge a sua plenitude, pois aflora e enche o espaço de flores.

A este dia estão associados alguns rituais ligados ao sol, que poderão ter sido condenados pela Igreja ao longo dos tempos, por assumirem um carácter pagão. Tal facto poderá ter estado na origem da integração destes ritos e práticas nos festejos atribuídos ao nascimento de um santo. Todavia, nem todos os estudiosos que se dedicam ao estudo deste tema estão de acordo com tais factos.

Há, no entanto, consenso relativamente ao facto de estes festejos terem uma raiz rural, que estará ligada à realidade vivida ao longo dos séculos XVIII e XIX, onde a população do Norte de Portugal migrou para o Porto e que deu continuidade a estes rituais que anteriormente eram efetuados em lugares mais recônditos e isolados, onde há uma maior pretensão e crenças nestas práticas.

Assim, nestes festejos, há uma matriz marcadamente supersticiosa, assente em crenças, sortilégios e numa religiosidade popular muito vincada. Os principais elementos a ele associados são a água, o fogo e as ervas aromáticas.

A água é vista como fonte de todas as virtudes, sendo que na noite de São João toda ela é benta, seja a que se encontra nos poços, nas fontes, nos rios, no mar e até mesmo o orvalho. Esta última está associada às ervas, pois se estas forem colhidas orvalhadas na noite de São João, antes do nascer do sol, podem conter benefícios associados à saúde, ao amor e à felicidade. Há também a alusão para as orvalhadas dos campos de Cedofeita ao longo do século XIX, sendo associadas também ao poder de fertilização da mulher.

Para além desta dimensão, a água, em todos os locais, durante a noite de São João, estava associada a poderes de embelezamento de jovens e adultos. Assim, os banhos poderiam tratar aspetos físicos, tais como doenças de pele, rejuvenescimento de adultos, mas também problemas do coração, tais como amores, casamentos e ainda o afastamento do mau-olhado. Portanto, as pessoas adquiriam o hábito de se banharem em todos os locais onde fossem possíveis tais práticas, concentrando-se, essencialmente, no Rio Douro e na Foz do mesmo rio, sendo que neste último, um banho valeria por nove. (Pisco, 2014: 52)

Outro dos elementos é o fogo, onde as fogueiras assumem uma forma de purificação do Homem. Para Hélder Pacheco, “as fogueiras de verão, a um tempo jubilatórias e purificadoras, mais não seriam que atos propiciatórios a fazer esquecer as angústias do homem antigo”. Está associado, tal como o sol, a uma fonte de calor, de que está dependente a colheita agrícola durante o verão. (Pacheco, 2004: 19) Pode também estar associado ao amor e felicidade, na medida em

que era frequente os casais de namorados saltarem as fogueiras com a finalidade de conquistar a felicidade e o casamento.

As ervas aromáticas adquirem também um papel de destaque, ao apresentarem-se como algo que afasta o mal. Muitas são aquelas a que se faz referência: manjerico, alecrim, funcho, marcela, alho-porro, rosmaninho, cidreira sálvia, erva-pinheira, poejo, dedaleira, véu-de-noiva, rabo-de-gato, valeriana, alcachofra, trevo, junco, figueira, sabugueiro loureiro, oliveira, fava, amêndoa, cereja, cravo e rosa. (Pisco, 2014: 54) Todavia, as que adquirem maior relevância e que prevalecem até aos dias de hoje com maior expressão são o alho-porro, o manjerico e a cidreira.

O alho-porro começou por ser usado, inicialmente, durante as rusgas, onde os romeiros os iam colhendo nos campos em redor da cidade, era visto como algo que impedia o mal de entrar nas casas. Uma vez adquirido na noite de São João, deveria ser mantido atrás da porta durante todo o ano para afastar todos os males. Na noite dedicada a este Santo, apresenta um carácter de travessura, visto ser usual bater na cabeça e nos narizes das pessoas que se vai encontrando pela cidade, sendo assim uma forma de bênção e de boa fortuna. Todavia, a partir dos anos 60, assiste-se a uma substituição do alho-porro pelos martelos de plástico que apresentam uma função semelhante.

O manjerico está relacionado com amores e afetos, é visto como a reserva da felicidade – “e o manjerico não é, ao mesmo tempo, remédio para a doença e reserva de felicidade levada para casa na melhor das intenções odorosas e, embora esquecidas do seu significado profundo, repletas de esperança e proteção contra o grande desconhecido?” (Pacheco, 2004: 20)

A cidreira adquiriria um significado semelhante ao do alho-porro, na medida em que também se recorria a esta erva aromática para afastar os males, passando-se, para isso, pela cabeça e cara das pessoas.

De facto, se refletirmos acerca de todos estes rituais podemos constatar que, na atualidade, ainda se assiste a muitas destas reminiscências. O alho-porro, embora sendo substituído pelos martelos de plástico, continua a fazer parte do imaginário de muitos, que todos os anos saem à rua empunhando um destes exemplares para que se afastem, assim, os males. Muitos são os que ainda recriam estes rituais ligados ao fogo e à água. É evidente que se perderam muitos destes significados, muitas destas superstições já não são lembradas e muitos destes percursos são subjugados ao abandono. Todavia, ainda persiste uma identidade que se encontra enraizada no coletivo, uma realidade social que se vai mantendo ao longo dos tempos e que enfatiza um conjunto de crenças que não foram devotadas ao abandono e ao esquecimento.

O facto de estes festejos não encontrarem paralelo em mais nenhuma parte do mundo mostra bem a singularidade e importância que as gentes do Porto conferem a este santo precursor. Trata-se, assim, de uma identidade que foi mantida e renovada ao longo dos tempos. Aqui resgatamos aquilo que no entender de José Manuel Tedim se denomina de “arte efémera”. Este afirma que “a festa, com todo o seu maravilhoso, enquanto escape, enquanto negação da rotina, enquanto

tempo de esquecimento e de esvaziamento, acaba por funcionar como um travão de ousadias, enfim, como esfriamento de transformações sociais repentinas” (Tedim, 2002: 318).

Associamos este conceito aos festejos do São João do Porto porque é uma forma de arte que é construída para celebrar este dia, mas que logo após os festejos é destruída, mas que se repete nos anos seguintes, adquirindo sempre esta forma de construir arte para que se verifique a sua destruição e novamente a criação. Trata-se, assim, de um ciclo que se renova ano após ano, sendo este constituído por rituais e aspetos particulares que mostram a identidade construída ao longo dos tempos.

Através das memórias daqueles que viveram antes de nós, é possível que se construa uma identidade e, assim, se processe uma reconstrução da História local. Neste sentido, os festejos do São João do Porto podem também ser vistos como Património imaterial, na medida em que incluem um conjunto de rituais que se repete ano após ano, que faz parte de uma forma de vida e de uma forte ligação de uma cidade, de um povo, a um Santo e a todas as crenças que lhe estão subjacentes.

1.4. Património imaterial e educação

Partindo do estudo do Património imaterial do Porto, nomeadamente dos festejos do São João, pareceu-nos pertinente associar este estudo à educação e compreender de que forma é que o património imaterial pode ser relevante no ensino.

Entendendo o património imaterial como o conjunto de práticas que mais não são do que a identidade e os resquícios da memória de um povo, que não se expressam em bens materiais, mas antes em rituais, sentimentos, emoções e todo um conjunto de particularidades que fazem de um povo ou de um lugar pertencentes a algo diferente, que os particulariza, não poderíamos deixar de fazer menção à sua importância no ensino

Dada a dimensão que abarca, consideramos importante fazer uma abordagem a este conceito no contexto de sala de aula. Mas, antes de partirmos para esta análise, temos que ter em conta o conceito de educação, ou seja, a forma como os estudantes aprendem, sendo importante reter algumas considerações acerca daquilo que é a aprendizagem.

Neste sentido, todos possuímos diferentes formas de ver o mundo. Alguns terão mais apetência para as artes, possuindo, assim, uma maior cognição cinético-corporal e musical, por exemplo, ao passo que outros possuirão uma maior apetência para as ciências exatas, e portanto

uma cognição maior para a área das lógico-matemáticas. A aprendizagem pode, assim, processar-se de diferentes formas, tantas quanto a diversidade dos seres humanos.

Devemos ter presente que todos somos diferentes, possuímos características que nos distinguem enquanto seres humanos, portanto, a forma como construímos o conhecimento depende da maneira como percebemos o mundo, das imagens que temos dele e do que ele significa para cada um de nós.

De facto, o estudo do património imaterial, quando conciliado com a História local, pode conter em si um conjunto de vantagens que permita um maior enriquecimento relativamente aquilo que o aluno compreende do mundo que o rodeia.

Dada a necessidade de os estudantes construírem uma identidade ligada ao local onde vivem, consideramos pertinente a adoção de práticas condicentes com um ensino focalizado na valorização da cultura e do património. Deste modo, esta articulação entre o meio social e o meio escolar poderá propiciar um constante intercâmbio com o local, mas também com o global.

Ana Mesquita defende que esta realidade assume a “educação patrimonial como uma verdadeira forma de alfabetização cultural que permite aos indivíduos compreenderem melhor o meio sociocultural em que vivem e a trajetória sociocultural em que se inserem”. (Mesquita, 2013: 26)

Desta forma, a escola pode assumir um papel de relevo na perpetuação da memória e da identidade, na medida em que pode propiciar um maior conhecimento sobre o mundo e sobre o sítio onde os alunos constroem a suas vivências diárias. Se antes afirmamos que o local onde vivemos molda aquilo que somos e influencia aquilo em que nos transformamos, é importante que os estudantes mantenham laços afetivos e pessoais sobre a realidade onde estão inseridos, de modo a serem cidadãos mais conscientes do mundo em que vivem, bem como dos problemas e virtudes da sociedade onde estão inseridos.

O património imaterial poderá ser importante no contexto escolar na medida em que pode demonstrar que não há barreiras entre aquilo que é a realidade social e aquilo que é a realidade escolar. Deve funcionar, deste modo, como um motor de intercâmbio mútuo entre a comunidade local e a escola, para que os alunos sejam também eles preservadores e conscientes de que é necessário intervir na sociedade de modo a preservar aquilo que são as heranças culturais de um determinado local.

Tal como afirma Ana Mesquita,

“a cidadania deve ser construída [numa] perspetiva de diálogo entre a globalização e a diversidade. O educando, na sua formação identitária, precisa de lutar pela preservação, pela persistência, pela continuidade. Contudo, a sua identidade pessoal é também uma realidade dinâmica e, por isso, em permanente construção face aos desafios que o eu vai enfrentando ao longo da vida.” (Mesquita, 2013 :27)

Neste sentido, o património imaterial pode surgir como algo desafiador, na medida em que pode potenciar um estudo sistemático do local onde os alunos convivem diariamente e, também, um meio para procurar novas formas de repensar a imaterialidade herdada à luz dos nossos dias, para que não seja algo do passado, mas antes algo que se vive no presente, mas mantendo sempre a sua matriz criadora.

Esta realidade poderá apresentar-se como um veículo transdisciplinar entre os vários aspetos estudados em sala de aula, não existindo uma compartimentação de disciplina, mas antes uma abrangência da comunidade educativa.

Mas, para que o património seja respeitado e reinterpretado, necessita de uma compreensão do mesmo por parte dos estudantes. É necessária uma maior informação relativamente aquilo que é o património de um dado local, sendo, assim importante a sua relação entre os conteúdos estudados na sala de aula, intimamente ligados aos livros escolares, e aquilo que é a realidade social vivida por uma comunidade.

Luís Alves refere a importância da História no entendimento do local

“importa adequar e aproveitar os conteúdos disciplinares para «alimentarem» as habilidades e capacidades pois são estas que podem facilitar ou inibir o exercício da competência. Esta mobilização deve naturalmente ter em conta a função social e individual da História, sendo nosso entendimento que a utilização de forma apropriada da Localidade pode constituir um fator essencial à motivação para os conteúdos e ao exercício da cidadania”. (Alves, 2005:68)

Todavia, a apreensão do património deve efetuar-se de uma forma que permita aos alunos uma reinterpretação do mesmo. Assim, mais do que compreender e receber aquilo que se lhes diz relativamente ao património e à identidade de uma certa localidade, é importante que os indivíduos o vejam à luz da contemporaneidade, não como algo que ficou no passado e que se imortaliza assim. Mas, como uma continuidade do passado no presente, para que a sua utilidade enquanto construção da identidade possa ser revestida de outros contornos, que ultrapassem em muito o que foi, mas também o que será.

Assim, em educação, o património deverá assumir um papel de curiosidade, onde o aluno descobre vestígios do passado, através de um conjunto de premissas que lhe permita um contato com a História mas também com a Geografia do local onde inserem a sua vida quotidiana.

Ana Mesquita defende que “a metodologia da educação patrimonial pode ser aplicada a vários tipos de evidências materiais ou manifestações culturais, desde um objeto a um monumento, a um sítio histórico ou uma tradicional manifestação cultural. O lato conceito de património-

nio legalmente consagrado aponta claramente para essa ideia de que não só os grandes monumentos que têm significado histórico, mas também a herança da cultura popular, traduzida em inúmeras manifestações e objetos com que nos deparamos no quotidiano”. (Mesquita, 2013: 28)

Mas, para que estas sejam uma realidade nas escolas, é necessário não só uma preparação e motivação do aluno, mas também do professor. Este tem de possuir um papel educativo na construção destas experiências. Deve, portanto, munir-se de um conjunto de conhecimentos e apetências que permitam o estimular de novas aprendizagens mas também de experiências que coloquem o aluno em contacto com o património, e, conseqüentemente, com a identidade local.

O uso do local, da sua história, dos seus legados e, conseqüentemente, do seu património, poderá ser um factor estimulante para que os estudantes compreendam os diferentes modos de vida da população, os seus valores e as suas singularidades.

Através do estudo do património, podem potenciar-se atividades estimulantes para os alunos. Estas podem colocá-los em contato com familiares e conhecidos, na medida em que poderão realizar entrevistas, recorrer a percursos e fazer um conjunto de exercícios junto dos mais velhos, que permitirão um crescimento mais rico e engajado na vida de uma determinada sociedade.

Permitir-lhes-á um trabalho de pesquisa alicerçado em aprendizagens significativas, visto ser o próprio aluno a construir conhecimento com base naquilo que vai estudando em contato com os outros.

Mesquita defende que

“o património implica sempre uma continuada articulação entre herança e construção. Os que vivem no presente não se limitam a receber passivamente um património simbólico herdado do presente, mas antes apoderam-se dele ativamente, conferindo-lhe simbolismo, interpretando-o. Esses símbolos, fundamentais para a construção da identidade pessoal, exprimem-se tanto em estruturas físicas [...] como nos modos de vida, tradições, rituais. Tudo isto representa um património simbólico em contacto com os indivíduos e, especificamente, com os alunos”. (Mesquita, 2013: 28)

Desta forma, o uso das memórias pode potenciar uma maior afetividade relativamente ao património envolvente dos discentes, ao permitir antes de mais aquilo que se chama empatia com os lugares onde vivem o seu quotidiano.

Parte II

Capítulo I – Do património imaterial ao ensino da História e da Geografia

No presente capítulo pretendemos refletir e apresentar algumas das nossas vivências no contexto da Iniciação à Prática Profissional. Este é o momento de identificar os caminhos que percorremos para que fosse possível estabelecer uma articulação entre a teoria esboçada na Parte I deste relatório, onde seguimos um roteiro dedicado à memória, à identidade, ao património e à sua consecução na educação, com a Parte II, onde ambicionamos apresentar toda a prática que fomos construindo ao longo deste ano de estágio. Agora é o momento de passarmos da teoria à prática e esboçarmos a forma como partimos do estudo da história local para o ensino da História e da Geografia.

Pretendemos, assim, fazer uma breve caracterização da metodologia de trabalho, onde vamos indicar a forma como tomámos algumas das opções que norteiam a presente investigação e o modo como pretendemos, desde logo, dar resposta às nossas questões de partida. Este é o momento em que passamos para a prática tudo aquilo que temos vindo a equacionar na primeira parte deste relatório.

Depois de apresentarmos estes pressupostos, é o momento de darmos a conhecer o estudo de caso sobre o qual nos debruçamos ao longo deste relatório, onde pretendemos perceber os traços gerais que o caracterizam, nomeadamente a faixa etária dos estudantes, o ano que frequentam, assim como as características gerais da turma.

Numa terceira dimensão, apresentaremos os principais resultados obtidos com esta investigação, ou seja, a forma como fomos capazes de dar resposta às questões que nos propúnhamos tratar inicialmente. Aqui será também lugar de refletirmos sobre outras formas de estudo que poderíamos ter seguido mas que, dada a natureza da turma ou de outros fatores que lhe estão adjacentes, não nos foi possível.

Esta segunda parte apresenta-se, deste modo, como um momento de apresentar aquilo que fomos construindo ao longo dos cerca de nove meses que compõem a iniciação à prática profissional de ensino supervisionado.

1. Contextualização do estudo de caso

O estudo de caso que agora apresentamos insere-se no âmbito da nossa iniciação à prática profissional no ensino da História e da Geografia no 3.º Ciclo do EB e ES, do 2.º ano do Mestrado em Ensino de História e Geografia. Neste sentido, concretizamos o nosso ano de estágio na Escola E.B. 2/3 Gomes Teixeira, que se situa na União de Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos, concelho do porto. Esta união foi criada pela Lei n.º 11-A/2013 de 28 de janeiro, agregando as antigas freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos. Possui uma área total de 5,34 Km², uma população de 29 059 habitantes, segundo os Sensos de 2011.⁷

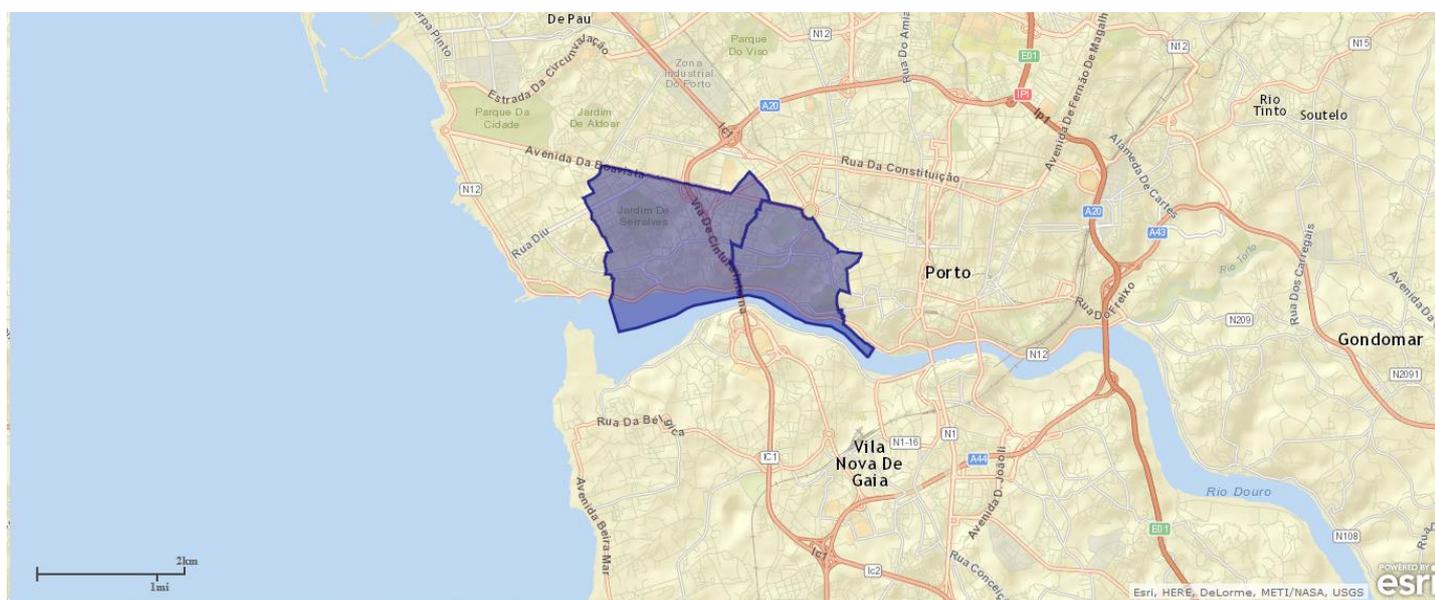


Imagem 1: Localização da União de Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos

A Escola em estudo pertence ao Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique, juntamente com o Jardim de Infância Barbosa do Bocage, com a escola Básica do Bom Sucesso e a escola Secundária com 3.º ciclo Infante D. Henrique, sendo esta última a sede do Agrupamento. Este agrupamento procura “uma sólida formação escolar e profissional ao longo da vida, no mínimo durante 12 anos de escolaridade, garantindo a tradição das várias instituições que o integram”.⁸

⁷ <http://www.uf-lordeloouromassarelos.pt/index.php/uniao-de-freguesias/informacoes-demograficas> (consultado a 22 de junho de 2015)

⁸ http://www.infante.pt/pt/index.php?option=com_content&view=article&id=22&Itemid=6 (Consultado a 22 de junho de 2015)

A E.B. 2/3 Gomes Teixeira é constituída por trezentos alunos, distribuídos por 19 turmas, sendo que duas são do 5.º ano, três do 6.º ano, quatro do 7.º ano e cinco do 8.º ano e do 9.º ano. Relativamente à população escolar, ela é, na sua maioria, oriunda de várias freguesias da cidade, mas também de concelhos limítrofes do Porto. Esta realidade poderá estar relacionada com o facto dos encarregados de educação exercerem a sua atividade laboral no Porto.

A comunidade estudantil incorpora inúmeros alunos com Necessidades Educativas Especiais, pelo que nesta escola funcionam quatro Unidades de Autismo, que usufruem de apoio e acompanhamento de vários técnicos de Educação Especial, terapeutas da fala, psicólogos, professores do ensino regular, auxiliares de ação educativa com formação adequada às tarefas, bem como da restante comunidade educativa.

Durante o nosso período de prática profissional, pudemos contactar com duas turmas de 7.º ano na disciplina de Geografia, uma turma de 8.º ano na disciplina de História e uma turma de 9.º ano comum a ambas as áreas disciplinares.

1.1. Caracterização da turma

Este estudo foi realizado numa escola da cidade do Porto, com uma turma do 9.º ano de escolaridade. Seleccionamos esta turma devido ao facto de termos que efetuar uma articulação entre o ensino da História e o ensino da Geografia. Assim, devido ao facto de esta ser a única turma onde lecionamos ambas as áreas disciplinares, tomámos a opção de a seleccionar. Esta conta com um total de 23 alunos.

Destes 23 alunos, 57% são do sexo feminino e 43% são do sexo masculino, tal como se pode constatar no gráfico 1.

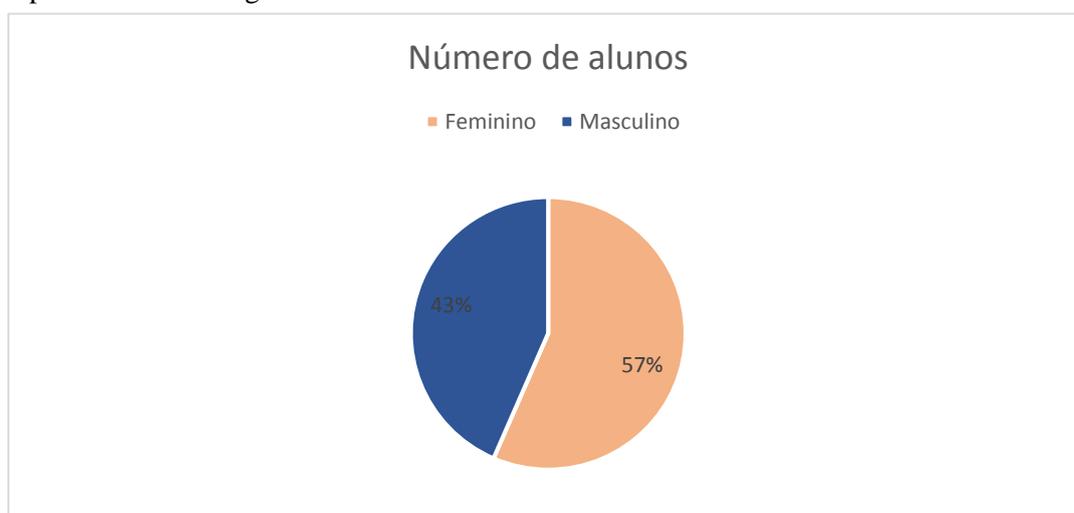


Gráfico 1: Distribuição da amostra, por género.

Relativamente à faixa etária, a turma é constituída, predominantemente, por alunos com idades médias situadas nos 15 anos, salvo algumas exceções que se encontram entre os 16 e os 17 anos. (Gráfico 2)

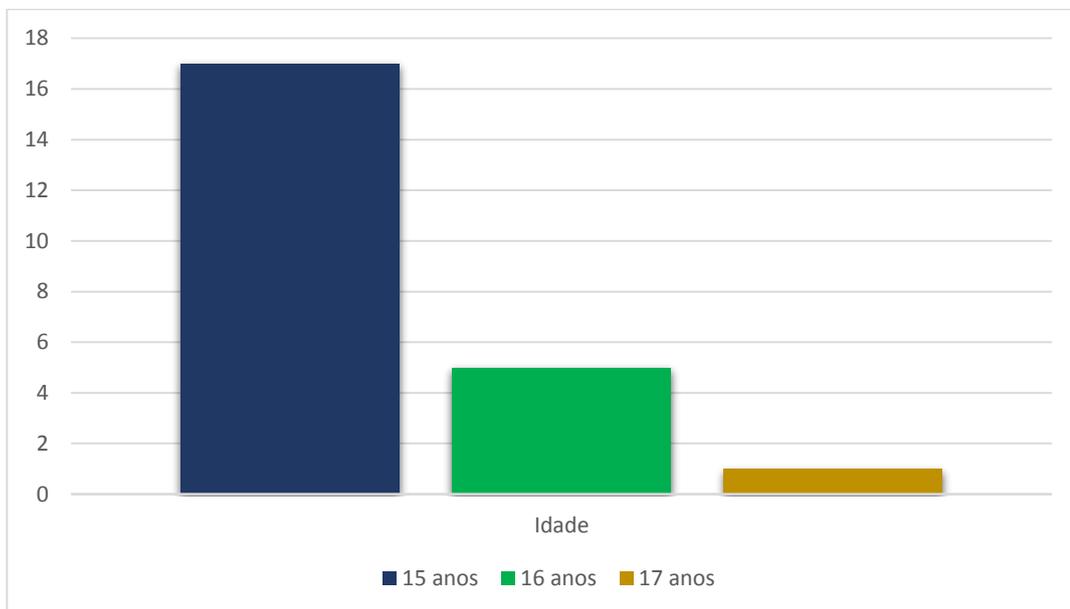


Gráfico 2: Idades dos alunos

No que diz respeito ao ambiente familiar, esta é uma turma onde a maioria dos pais contém profissões que se inserem no setor terciário, tal como se pode verificar no gráfico 3. As profissões predominantes são técnicos de saúde, engenheiros, auxiliares de ação educativa e profissões ligadas ao comércio.



Gráfico 3: Setores de atividade dos pais dos alunos que compõem a amostra

tra

Relativamente ao aproveitamento da turma, podemos constatar que 6 dos 23 alunos têm um historial de reprovações, tendo ficado retidos no mesmo nível escolar pelo menos uma vez. Tal facto pode explicar o porquê de esta turma conter algumas situações complexas de aproveitamento escolar. Todavia, não está relacionada com a História nem com a Geografia, visto que estas disciplinas contêm uma elevada taxa de sucesso quando comparadas com outras turmas da escola e também com a classificação que possuem a outras disciplinas.

1.2. Metodologia de trabalho

Para que nos fosse possível fazer uma articulação entre o Património imaterial e o ensino da História e da Geografia, optámos por estudar o São João do Porto. Esta escolha justificase pelo facto de a escola onde iniciamos a nossa prática profissional estar localizada nesta cidade e também pelo reconhecimento da importância destas festividades para o estudo da História e da Geografia.

Por outro lado, também consideramos que este tema seria pertinente como problemática para algumas aulas, na medida em que não é usual falar-se em património imaterial na sala de aula e porque é muito raro os alunos terem a oportunidade de assistir e fazer parte de uma aula onde se fale sobre esta “arte efémera”, sobre estes festejos que se realizam todos os anos na sua cidade.

Esta investigação foi realizada com alunos do 9.º ano de escolaridade, e apostámos em duas formas distintas de abordar esta temática. Por um lado, planeamos uma aula sobre o tema e, por outro lado, construímos um guião de uma entrevista para que os alunos fossem recolher, junto de familiares e conhecidos, informações relativamente aos festejos do São João ao longo da segunda metade do século XX. E, no final, realizámos um pequeno questionário para perceber os efeitos causados nos estudantes.

1.2.2. Metodologia da recolha de dados – a análise de conteúdo

Para recolher e tratar os dados que nos propúnhamos estudar, optamos por realizar uma entrevista, onde os alunos recorreriam aos testemunhos dos mais velhos para compreenderem o São João ao longo dos tempos. Assim, a entrevista foi o método seleccionado para esta análise. Desta forma, tivemos que compreender quais os prós e contras da utilização de tal método de recolha de informação.

A entrevista é um método que permite a interação verbal entre o investigador e o entrevistando. Assim, “ao contrário do inquérito por questionário, os métodos de entrevista caracterizam-se por um contato direto entre o investigador e os seus interlocutores e por uma fraca diretividade por parte daquele”. (Quivy e Campenhoudt, 1998: 192)

Trata-se de um método onde é possível uma maior objetividade e profundidade, na medida em que as perguntas abertas facilitam uma maior autenticidade relativamente àquilo que está a ser estudado. Tendo em conta que existe um conjunto de variantes relativamente a este método (entrevista semidiretiva, entrevista centrada e entrevista aprofundada), optámos por selecionar o tipo de entrevista centrada, por considerarmos que esta é a que se adequa mais ao nosso objeto de estudo. Fizemos esta escolha porque este método “tem por objetivo analisar o impacto de um acontecimento ou de uma experiência precisa sobre aqueles que a assistiram ou que neles participaram” (Quivy e Campenhoudt, 1998: 193).

Apresenta uma adequação para o estudo de caso em que os atores entrevistados mostrem os sistemas de valores em que estão inseridos, que reconstruam ações do passado à luz do presente e vice-versa (Quivy e Campenhoudt, 1998: 193).

Relativamente aos seus prós e contras, há um conjunto alargado de princípios que aqui poderíamos elencar, mas dada a natureza deste estudo, vamos optar por elencar aqueles que na nossa ótica apresentam uma maior relevância. Debruçamo-nos em Quivy e Campenhoudt para compreendermos melhor esta realidade. Assim, como principais vantagens podemos apontar o grau de profundidade dos elementos recolhidos com as entrevistas assim como a flexibilidade que apresenta. Tal facto permite recolher testemunhos e interpretações junto dos entrevistados que possibilita, por sua vez, a compreensão das suas próprias conceções sobre a realidade em estudo, mas sempre “respeitando os próprios quadros de referência – a sua linguagem e as suas categorias mentais”. (Quivy e Campenhoudt, 1998: 194)

Relativamente às desvantagens, podemos apontar o facto de as suas potencialidades de flexibilidade se apresentarem também como fraquezas ao permitirem que o entrevistador não possua uma postura menos responsável, que converse de qualquer maneira com os interlocutores. Há também que destacar o facto de nem sempre se verificar uma total neutralidade tanto do entrevistado, como do investigador.

Todavia, apesar das fraquezas e das potencialidades deste método de estudo, é importante referir um outro que lhe está intimamente associado que é o método de análise de conteúdo, ao permitir retirar às entrevistas o máximo proveito. Desta forma, é fundamental que no decorrer da entrevista, “o entrevistador retire o máximo de informação possível acompanhada por momentos sólidos de reflexão que servirão de materiais para uma análise sistemática de conteúdo que corresponda, por seu lado, às exigências de explicação, de estabilidade e de intersubjetividade dos processos” (Quivy e Campenhoudt, 1998: 195)

Neste sentido, apesar de a entrevista ser uma “encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa” (Bardin, 2013: 89), tem que se ter em conta que a pessoa que estamos a entrevistar possui um conjunto de pensamentos, valores, representações e emoções. Neste sentido, a sua análise tem que ser muito cuidada, na medida em que o “material verbal exige uma perícia muito mais dominada do que a análise de respostas a questões abertas ou à análise de imprensa” (Bardin, 2013: 90).

Bardin fala-nos em duas dimensões de análise de conteúdo das entrevistas, sendo uma delas a *decifração estrutural* e outra a *transversalidade temática*. Optamos por realizar a primeira, visto que consideramos mais importante proceder à análise pessoa por pessoa. Este tipo de abordagem procura “compreender a partir do interior da fala de uma pessoa, lembra talvez a atitude de empatia” (Bardin, 2013: 92).

Neste sentido, o entrevistador adquire um papel preponderante neste processo, visto que “a [a sua] tarefa é de grande responsabilidade, tanto na forma como conduz a entrevista, como na vontade em obedecer às instruções prévias” (Tuckman: 1994, 349). Devem também compreender que são coletores de informação, portanto, devem assumir uma postura que evidencie essa realidade, na medida em que “devem ter sempre presentes que estão a servir de instrumentos de recolha de dados e, por isso, devem procurar não se deixar influenciar pelas suas próprias predisposições, as suas opiniões ou curiosidades, de modo a afetar o seu comportamento” (Tuckman, 1994: 350).

Tendo em conta estes pressupostos teóricos relativamente à metodologia de trabalho a utilizar, consideramos ser importante emergir um conjunto de opções que fomos tomando ao longo deste percurso. Assim, apresentamos algumas justificações e pensamentos que nos guiarão na elaboração da aula sobre o São João, na entrevista que solicitamos aos alunos que realizassem e, finalmente, às questões que realizamos junto dos alunos para que nos fosse possível aferir a dimensão do nosso estudo.

a) Aula planeada

Em primeiro lugar, optamos por planear a aula, visto que não faria qualquer sentido que os alunos realizassem entrevistas sobre uma temática que conheciam somente através daquilo que vivenciam todos os anos. Neste sentido, tivemos que procurar um tempo letivo em que fosse possível lecionar uma aula sobre as festividades do São João do Porto.

Tendo em conta que este tema não é passível de ser inserido no programa do 9.º ano de escolaridade, optamos por selecionar uma data próxima do final de um período para que esta abordagem não causasse uma certa confusão no meio de uma unidade temática. Assim, o

período letivo selecionado foi uma aula antes das férias da Páscoa, onde os alunos estariam mais descontraídos porque já teriam passado todo um período de testes.

Devido à extensão dos programas de História e de Geografia do 9.º ano, tivemos que optar por lecionar apenas uma aula de 45 minutos. Neste sentido, optamos por sistematizar a informação relativa às festividades neste período, planeando no sentido de preparar uma aula que fosse uma construção entre professor e alunos. Não queríamos que fosse uma aula expositiva, mas antes algo que pudesse dar oportunidade de os alunos mostrarem algumas experiências vividas relativamente a estes festejos e repescar muitas das histórias que os familiares lhes vão contando.

Para que este tema não surgisse avulso, optamos por inserir um desafio aos estudantes que foi explicitado desde o primeiro momento da aula. Este estava patente no sumário, que se iniciava com a frase “A História local na sala de aula: o São João do Porto”. Esta frase fez com que os alunos comesçassem desde logo a colocar questões relacionadas com o conceito de História local e com a sua importância. Desta forma, considerámos que seria mais que pertinente iniciar a aula com a abordagem ao conceito de História local, passando também pelas noções de memória, património e património imaterial. Relativamente a esta questão, os alunos mostraram alguma confusão entre os conceitos de património material e património imaterial.

Depois de clarificados estes conceitos, pareceu-nos pertinente partir para o estudo do São João do Porto, e neste ponto introduzimos algumas características acerca da sua evolução ao longo dos anos. Esboçamos, assim, algumas considerações acerca das principais linhas que nortearam estes festejos, quem era este santo e qual a sua importância.

Depois de clarificados alguns aspetos relacionados com esta evolução partimos para os elementos que são normalmente associados a estes festejos. Este foi um momento excelente de partilha de conhecimentos, visto que os alunos mostraram grande entusiasmo e interesse sobre toda esta simbologia associada ao São João. Muitos relembrou aquilo que os avós e os pais faziam na noite de São João e a forma como eram utilizados estes rituais.

No final da aula, os alunos mostraram um grande interesse relativamente a esta temática. Assim, como forma de finalizar a aula e, tendo em conta que não nos seria possível construir um guião de entrevista dada o curto período de tempo que tínhamos disponível, optamos por distribuir um guião de entrevista aos alunos.

Situação-problema: “Quem conhece a História da sua terra, pode amá-la com mais consciência” Francisco Ribeiro da Silva

Questões-orientadoras:

- 1- O que se entende por História local?
- 2- Qual a importância das fontes orais para a compreensão da História?
- 3- Como se caracterizam os festejos do São João do Porto ao longo dos tempos?

Sumário (provável) – A História local na sala de aula: o São João do Porto.

METAS CURRICULARES		ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM/RECURSOS	AVALIAÇÃO
Conteúdos/Conceitos	Objetivos gerais/Descritores		

<p>Ω História local; Ω Património; Ω Património imaterial; Ω Identidade.</p> <p>A História local, ou seja, o estudo que se realiza relativamente a um local concreto no que respeita às suas formas ancestrais de organização, permite-nos construir a memória daqueles que nos antecederam, manter viva a herança daqueles que viveram antes de nós, e assim construir uma identidade. Esta, por sua vez, corresponde aquele conjunto de</p>	<p>Compreender a importância da preservação da História local na construção de saberes</p>	<p>Motivação: Vídeo sobre a cidade do Porto, num panorama mais geral, sem entrar em específico no São João. Pretende-se que os estudantes reflitam sobre a importância de conhecermos a História do local onde estamos.</p> <p>Localização no tempo: cronologia entre o século XIV, data do primeiro registo dos festejos, e o século XXI.</p> <p>Localização no espaço: Mapa da cidade do Porto.</p> <p>Resposta à primeira questão orientadora:</p> <p>Leitura e análise de um documento sobre a importância da História local. Pretende-se que os alunos identifiquem a importância de conhecer a História do local onde vivemos para preservar e transmitir esses conhecimentos às gerações futuras.</p>	<p>Espírito crítico</p> <p>Empenho e interesse</p>
--	--	--	--

<p>caraterísticas próprias que nos diferenciam, e que nos permitem possuir uma autenticidade e individualidade enquanto pessoas e enquanto povo.</p> <p>É neste contexto que surge o património de cada local, este que pode ser entendido como o conjunto de bens materiais ou imateriais de um determinado país que são protegidos e valorizados pela sua importância cultural. Dentro desta definição tão ampla que é a de património, podemos encontrar o património imaterial, que abrange expressões culturais e tradições que um determinado grupo de indivíduos preserva em respeito da sua ancestralidade – saberes, modos de fazer, formas de</p>	<p>Problematizar a necessidade de preservar o património, em geral, e o património imaterial, em particular</p>	<p>Diálogo com os alunos com o intuito de recolher as suas ideias tácitas sobre os conceitos de Património e património imaterial.</p> <p>Resposta à terceira questão orientadora:</p>	<p>Espírito crítico</p>
---	---	--	-------------------------

<p>expressão, celebrações, festas, danças populares, lendas, musicas, costumes e outras tradições.</p> <p>Assim, o património cultural, não se limita a monumentos e coleções de objetos, mas compreende um sentido mais amplo tais como as tradições orais, artes do espetáculo, usos sociais, rituais, artefactos. A sua importância não reside na sua manifestação cultural em si, mas no acervo de conhecimentos e técnicas que se transmitem de geração em geração.</p> <p>É neste contexto da preservação do património imaterial, que se inserem os festejos do São João do Porto. A data mais antiga dos festejos é de 1384, mencionado nas crónicas de Fernão Lopes. Ao longo da Idade Média, a data da sua comemoração marca o início de um novo</p>	<p>Compreender a importância das fontes orais para explicar a importância do São João do Porto ao longo dos tempos</p>	<p>Construção de uma entrevista sobre o São João, para que os alunos compreendam a necessidade e a importância de recorrer às fontes orais para compreender a História.</p> <p>Resposta à segunda questão orientadora:</p>	<p>Feedback</p>
--	--	--	-----------------

<p>ano civil. Durante a época moderna, os festejos vão-se desenvolvendo de acordo com o crescimento da urbe, assistindo-se à comemoração com recuso a músicas e danças. Na época contemporânea assiste-se à promoção dos festejos por parte das autoridades municipais, com recurso a ornamentações, iluminações, fogo-de-artifício, concessões de horários especiais para os transporte públicos, a venda de ervas e plantas aromáticas e o surgimentos da primeira regata no Douro.</p>		<p>Análise e interpretação de imagens relativas aos elementos sagrados e profanos que compõem os festejos.</p> <p>Diálogo acerca dos conhecimentos que os alunos têm sobre os festejos do São João na atualidade.</p> <p>Visualização de um roteiro composto por vários vídeos sobre a Geografia dos festejos. Pretende-se que os estudantes reflitam sobre a importância de certos lugares nas comemorações.</p>	<p>Feedback</p>
---	--	---	-----------------

b) Entrevista

Na entrevista era apresentada uma breve introdução relativamente àquilo que estivemos a abordar ao longo da aula. Assim sendo, cada aluno teria que selecionar uma pessoa, familiar ou conhecido, que estivesse numa faixa etária compreendida entre os 50 e os 70 anos, para que nos fosse possível compreender a evolução destes festejos ao longo da segunda metade do século XX.

Esta entrevista teria de ser realizada durante o período de interrupção das atividades letivas da Páscoa. Selecionou-se este período para que os alunos tivessem tempo para realizar as entrevistas. Optou-se por pedir-lhes que se fizessem acompanhar nesta entrevista com um gravador ou efetuar uma gravação no telemóvel. Todavia, desde o primeiro momento, os estudantes informaram que este pedido não seria fácil de concretizar.

Esta era composta por um conjunto de questões abertas, onde quisemos resgatar muitas das memórias que compõem os festejos sanjoaninos. Neste sentido, construimos questões que requeriam um conhecimento desta realidade. Começamos por questionar acerca das memórias que as pessoas guardam do São João de outros tempos, tanto durante a infância como durante a juventude. Depois de resgarmos estes sentimentos e recordações, passamos para questões relacionadas com os rituais associados à noite de São João, onde pretendíamos compreender qual a simbologia que os entrevistados associavam a esta festividade.

Para compreendermos a Geografia dos festejos, optamos por questionar também os locais mais frequentemente associados ao São João, questionando os lugares onde se festejam estes dias. Com esta questão pretendíamos, essencialmente, perceber quais os lugares da memória destas pessoas, quais os sítios onde se reúnem ano após ano para festejar este dia, para que nos fosse possível construir, numa aula de Geografia, um mapa com este roteiro, para que os alunos pudessem compreender a sua distribuição geográfica.

Depois de abordadas estas dimensões, passamos para questões relacionadas com o significado de alguns dos rituais associados aos festejos. Desta forma, perguntamos aos entrevistados que significado atribuíam, pessoalmente, aos balões lançados na noite de São João e à utilização do alho-porro.

Seguimos com duas questões relacionadas com a dualidade passado-presente, de modo a compreender as alterações que se processaram ao longo dos tempos. Desta forma, questionamos os intervenientes no sentido de perceber qual o São João que mais os teria marcado e pedimos para justificarem. Depois, quisemos saber em que medida é que os entrevistados consideram diferente o São João que vivem na atualidade com o que viveram na sua infância e se este comporta o mesmo significado na atualidade. Em todas estas questões solicitamos

que justificassem as respostas para que os entrevistados adiantassem mais pormenores acerca daquilo que viveram e daquilo que vivem na atualidade para que nos fosse possível elaborar um quadro de representações relativamente a esta festividade.

Por último, quisemos saber qual a importância que as pessoas entrevistadas atribuem a estes festejos, tanto para si como para a cidade do Porto em geral. Esta questão apresenta relevância na medida em que entendemos que há também que perceber se os cidadãos olham para esta celebração de um modo circunscrito às pessoas da urbe ou se o encaram como algo global, a que ocorrem diversas pessoas de múltiplas nacionalidades.



Os testemunhos orais são importantes fontes para o estudo do passado, pois permitem-nos aceder às memórias das pessoas sobre determinados acontecimentos que, muitas vezes, não aparecem nos livros. Por isso, a atenção e interesse em ouvir os mais velhos são sempre recompensados com o conhecimento de histórias e estórias muito ricas.

Assim, pedimos-te que entrevistes um familiar ou amigo mais velho, que tenha uma idade compreendida entre os 50 e os 70 anos, e lhe faças perguntas no sentido de perceberes de que forma é que esta pessoa viveu os festejos do São João no Porto ao longo da segunda metade do século XX.

As perguntas que podem orientar a tua entrevista são:

- 1- Que memórias guarda do São João do Porto na sua infância e juventude?
- 2- Na sua infância, recorda-se como era festejado este dia?
- 3- Quais eram os rituais que se praticavam na noite de São João?
- 4- Em que ruas e bairros se festejava o São João?
- 5- Na sua opinião, qual é o significado do lançamento de balões de São João?
- 6- Sabe porque é que se utiliza o alho-porro nos festejos? Explique, por favor.
- 7- Qual foi o São João que mais o marcou? Porquê?
- 8- Em que medida é que considera os festejos do São João da atualidade diferentes dos que viveu na sua infância e adolescência?
- 9- Considera que o São João da atualidade tem o mesmo significado do de outros tempos? Porquê?
- 10- Na sua opinião, qual é a importância (para si e para a cidade) de festejar o São João?

Bom trabalho!

A Professora,
Sara Feiteira

c) Questionário

Para além da aula e da entrevista acima referidos, também consideramos importante compreender o significado que esta entrevista conferiu para o crescimento dos alunos, por isso optamos por realizar um conjunto de questões para que fosse possível aferir esta dimensão. Neste sentido, após a entrega das entrevistas, realizamos um questionário onde perguntámos aos alunos acerca da importância de recorrer aos testemunhos dos mais velhos para a compreensão da História e da Geografia da cidade onde vivem. Também quisemos saber se esta entrevista foi importante para saberem mais sobre esta temática.

Neste sentido, elaboramos um conjunto de questões. Partimos de uma questão de motivação, para perceber em que medida é que a entrevista foi importante para os alunos compreenderem melhor a História e a Geografia da cidade onde vivem. Numa outra dimensão, questionamos os alunos sobre a importância desta entrevista para um maior conhecimento sobre o tema. E, finalmente, se consideraram importante recorrer às pessoas mais velhas, e, consequentemente, à História oral, para compreender melhor o passado.

Pareceu-nos pertinente realizar este conjunto de questões porque só desta forma é que nos foi possível compreender o real impacto que a entrevista teve junto dos alunos. Só assim é que iremos conseguir perceber se, efetivamente, a entrevista teve significado e se contribuiu para o crescimento pessoal e intelectual dos alunos.

No início deste estudo, também nos propúnhamos compreender o significado que o São João tinha para os mais velhos ao longo da segunda metade do século XX e, concomitantemente, o que adquire para os jovens que o vivem na atualidade. Portanto, também questionamos os nossos alunos nesse sentido.

Por isso, para que nos fosse possível cruzar as conceções daqueles que viveram o São João ao longo da segunda metade do século XX, com a dos que o vivem na atualidade, decidimos questionar os alunos acerca desta realidade. Assim, perguntamos aos estudantes qual seria o significado que teria o São João na atualidade. Solicitamos uma pequena reflexão, onde apelamos para uma dimensão mais pessoal, onde pretendíamos uma abordagem ao nível dos sentimentos e emoções dos alunos. Assim, numa questão apenas, tentamos aferir esta dimensão junto deles.



Após realizares a entrevista a um familiar, amigo ou conhecido, é importante que reflitas sobre todo o trabalho desempenhado. Assim, pedimos-te que respondas às questões que se seguem.

- 1- Em que medida é que a entrevista que realizaste foi motivante para compreenderes a História e a Geografia da cidade onde vives?

- 2- A entrevista foi importante para saberes mais sobre este tema? Porquê?

- 3- Consideras importante recorrer a entrevistas a pessoas mais velhas para compreender o passado? Porquê?

1.3. Análise dos dados recolhidos

Tendo em conta que “a investigação tem como referente a própria realidade” (Tuckman, 1994: 18), é importante referirmos que procedemos a um estudo que se baseou, antes de mais, na realidade social em que os alunos estão inseridos. Desta forma, os dados recolhidos transmitem um conjunto de sensações, emoções e sentimentos associados aos festejos de São João na cidade do Porto.

Após apresentarmos a metodologia com que nos guiamos ao longo deste estudo e a turma que está envolvida, é o momento de interpretarmos os resultados obtidos com esta investigação. De facto, é importante refletirmos sobre aquilo que nos propúnhamos inicialmente, ou seja, as nossas questões de partida, e compreender a forma como fomos capazes de responder a algumas dessas questões e a nossa incapacidade face a outras.

Tal como referimos anteriormente, lecionamos uma aula sobre a História local na sala de aula, onde dialogamos acerca das festividades do São João ao longo dos tempos. Depois desta primeira etapa, pedimos aos alunos que entrevistassem um familiar ou conhecido no sentido de compreenderem as suas conceções acerca do São João ao longo da segunda metade do século XX.

Uma segunda etapa do nosso estudo repousou na recolha de testemunhos junto de familiares e conhecidos por parte dos alunos. Desta forma, e tendo em conta que o tempo de aula não foi suficiente para que construíssemos juntos o guião da entrevista, distribuímos um guião previamente delineado. Este foi dado a conhecer aos alunos no final da aula, onde lhes foi explicado o que deveriam fazer e a forma como deviam proceder.

Por uma questão de maior rigor e flexibilidade na análise dos dados, optamos por criar um conjunto de símbolos para identificar cada questão e cada entrevista realizada. Desta forma, daqui em diante será recorrente a existência de expressões que se reportem a esta análise, tal como E10, por exemplo, que se refere à Entrevista número 10, de acordo com a numeração por nós atribuída.

A primeira questão que colocamos tinha que ver com as memórias que os familiares guardavam do São João do Porto ao longo da sua infância e adolescência. Quisemos aqui resgatar alguns sentimentos relacionados com as festividades, pretendíamos que os alunos conseguissem delinear um conjunto de conceções junto dos seus familiares que nos permitisse estabelecer uma ligação com as suas memórias.

Na sua quase totalidade, os entrevistados revelam uma certa nostalgia ao resgatarem as suas memórias do São João ao longo da segunda metade do século XX. Revelam um São João alegre, destacando-o como um dos momentos mais ansiados na cidade ao longo do ano, pois, segundo alguns testemunhos, era a noite que marcava o ponto alto das festividades. Aqui, há

especial destaque para o São João das Fontainhas, para a música de baile e para a animação que enchia as ruas da cidade.

Há mesmo quem vá mais longe e afirme a existência, ao longo da segunda metade do século XX, de um São João que nada tem que ver com o da atualidade:

“O São João de antes, não tem nada a ver com o atual, pois na minha juventude o São João era festejado em vários sítios, nas Fontainhas, na Rotunda da Boavista e no Palácio de Cristal.” (E11)

“As minhas memórias são as melhores! Eramos jovens. Desde os 8 anos que eu comecei a ir ao S. João. Eu e os meus amigos reuníamos todos e íamos a bailes. Dedicávamos discos uns aos outros. Naquele tempo a festa começava muito cedo. Ansiávamos todo o ano por este momento.” (E14)

Há também alusão a uma memória gustativa, ao afirmarem que durante esse período de infância e juventude não eram tanto as sardinhas o prato de eleição para as festividades, mas antes o anho assado no forno.

“Comia-se anho assado e de seguida ia-se para os bailes dançar” (E4)

De facto, este é um dado importante, visto que também a bibliografia consultada corrobora tal afirmação. Hélder Pacheco (2004) destaca a importância que se atribuía ao anho assado neste dia, contrariamente ao que se verifica atualmente, onde há uma predominância da sardinha assada.

Quando pedimos aos entrevistados que nos indicassem como é que o São João era festejado ao longo da sua infância, estes fazem alusão a uma festa cheia de cor, onde cada bairro tentava superar-se no que diz respeito à decoração, que se caracterizava por ser alegre e por simbolizar a chegada do verão. Há também referência aos bailes que enchiam a cidade, em todos os cantos havia muita alegria e os festejos prolongavam-se até ao amanhecer, pois era este o momento em que as pessoas se banhavam nas águas do Rio Douro. Há também alusão aos balões de São João, lançados na noite mais longa desta cidade, onde é notória uma grande ligação entre os entrevistados e a nostalgia destes lançamentos, tal como mencionaremos mais adiante.

“Antes da meia-noite bebia-se o café e comia-se o pão com manteiga, depois as rusgas, levávamos com o alho-porro e víamos o fogo-de-artifício”. (E4)

“Era festejado com muita alegria e ansiedade. Vinha gente de todo o lado, encontrávamo-nos todos. Naquele tempo não havia martelos, então brincávamos com o alho-porro e a cidreira”. (E11)

Quando questionados acerca dos rituais da noite de São João, os familiares dos nossos alunos enumeram um conjunto de princípios transversais a quase todas as entrevistas. Assim, os entrevistados mencionam como principais as fogueiras, o alho-porro, a cidreira, o lançamento de balões, as cascatas, as danças, os banhos no rio douro e o passeio pelas ruas da cidade.

“Os principais rituais eram passear com a família e os amigos, brincar com o alho-porro e a cidreira, cantar canções populares, os bailes... Ficam memórias incríveis que vou guardar com muito carinho”. (E11)

“Correr os bailes todos e acordar na praia”. (E14)

Quisemos também saber quais os locais dos festejos do São João, solicitando, assim, que nos indicassem algumas ruas e bairros que fazem parte das memórias do São João ao longo da segunda metade do século XX.

Neste sentido, os entrevistados mencionaram a baixa da cidade, as Fontainhas, a Rotunda da Boavista, a Ribeira, Massarelos, a Cordoaria, o Bairro da Sé, Alfândega, Campanhã, São Lázaro, Praça da Alegria e Miragaia.

“O São João festejava-se, como atualmente mas cada vez mais raro, nas Fontainhas, na Rotunda da Boavista, na Ribeira e em Massarelos” (E4)

Relativamente a este ponto, pretendíamos, inicialmente, construir um mapa com os alunos que nos mostrasse a Geografia dos festejos, onde estariam presentes os vários locais onde os entrevistados referiam festejar o São João. Todavia, por ausência de tempo letivo durante a prática profissional, não nos foi possível concretizar tal feito com os alunos.

Neste sentido, tendo em conta os dados recolhidos pelos alunos nas entrevistas, optamos por construir um mapa que mostrasse esta realidade.

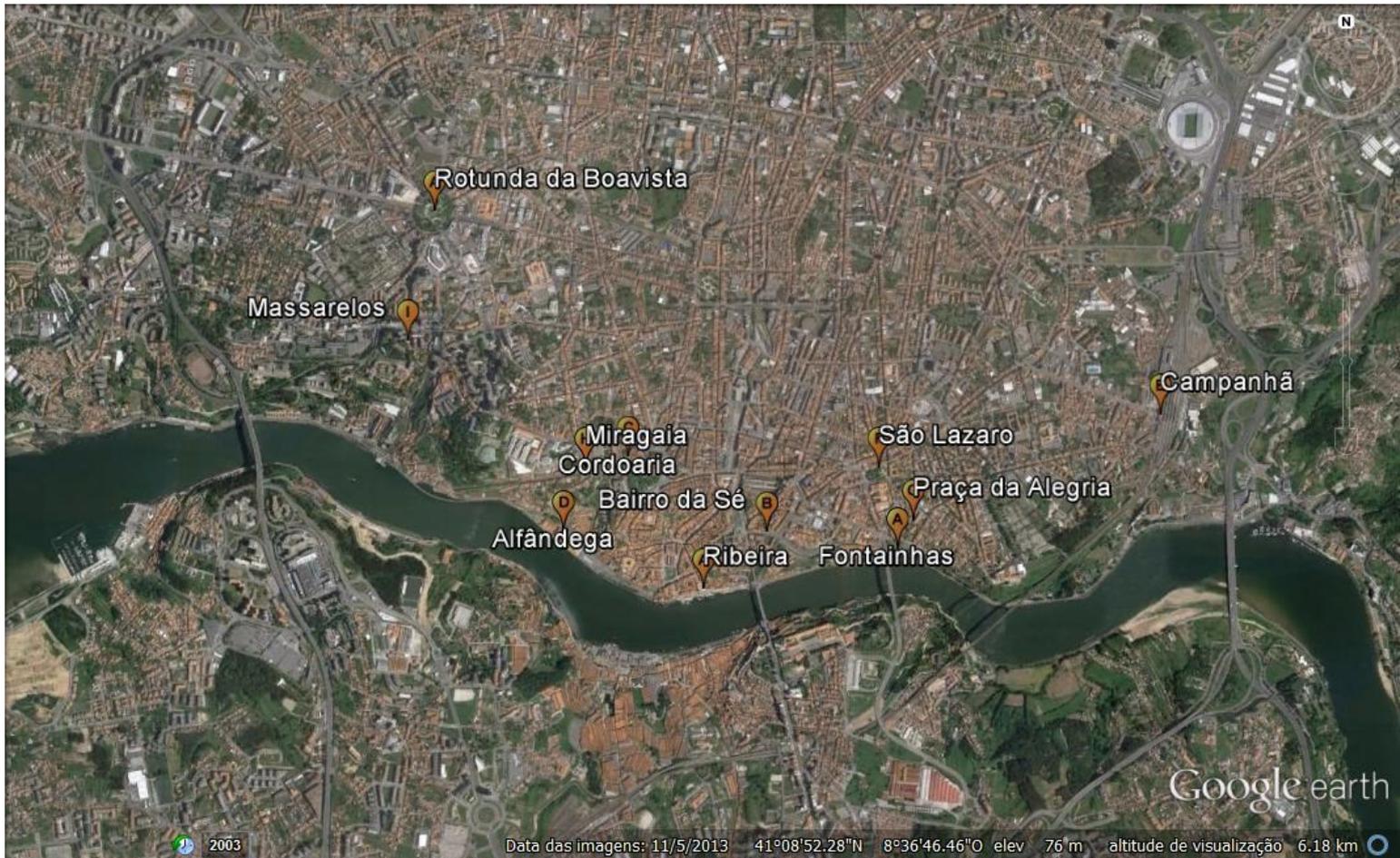


Imagem 2: Geografia dos festejos do São João.

Relativamente a alguns dos rituais mais recorrentes no São João, quisemos saber se os entrevistados conheciam o seu significado. Assim, perguntámos qual era o sentido do lançamento de balões de São João. Relativamente a esta questão, as respostas divergiram, sendo que uns afirmaram que tinha como principal significado “soltar os problemas” (E1), a felicidade e a paz, outros associam a desejos que as pessoas anseiam, outros agregam estes festejos às manifestações do culto do sol, para anunciar a festa e a felicidade, e há ainda quem afirme que se justifica simplesmente pela tradição e ainda outros desconhecem o seu significado.

Relativamente ao alho-porro, a maioria dos entrevistados afirma que está associado à sorte, para espantar o mau-olhado, alguns agregam a um ritual erótico “pois é usado para bater na cabeça do sexo oposto” (E5), à fertilidade, e também à amizade. Há, no entanto, uma maior associação do alho-porro à proteção contra o mau-olhado.

“Porque é uma planta típica do São João, onde até há pessoas que a metem atrás da porta para se livrarem do azar e onde permanece até ao ano seguinte.” (E4)

Consideramos igualmente importante saber qual o ano que mais marcou as pessoas entrevistadas no que concerne aos festejos de São João. Com esta questão pretendíamos essencialmente saber o motivo de as pessoas selecionarem uma data ou ano em particular, para compreender os sentimentos e as emoções por detrás desta enunciação, visto que estes festejos comportam em si esta realidade, e só adquirem real significado devido à abrangência que abarcam. Aqui, há referências diversas. De entre elas, destacamos o facto de alguns entrevistados atribuírem maior significado devido a terem algum membro da sua família que participou ativamente num determinado momento das festividades,

“O São João que mais me marcou foi o São João de 1978 quando o meu filho mais novo foi desfilar na avenida” (E1).

Outros, todavia, associam a pessoas que conheceram nesse dia e que permanecem até aos dias de hoje, estando assim associados a amores,

“O São João que mais me marcou foi quando conheci o meu marido e conselheiro, conheci-o no Jardim da Boavista, nas várias diversões, ele convidou-me para andar numa das diversões e a partir daí nunca mais nos largamos”. (E4)

Outros associam a episódios mais violentos,

“O São João que mais me marcou foi o de 1990, pois um sujeito deu-me uma martelada e eu dei-lhe um murro” (E5).

Mas, na sua maioria, afirmam que todos os anos foram marcantes porque apresentaram-se diferentes e emocionantes. Há, todavia, um que merece ser aqui destacado, devido ao facto de nos relegar para um episódio da História Contemporânea que terminou e que trouxe consigo um outro significado para as comemorações,

“Para mim, na minha juventude eram todos bons. O São João marcou a minha vida, pois eu adorava aquela festa. E após a guerra a festa ganhou muito mais alegria” (E11).

Relativamente às mudanças que se verificam entre os festejos da atualidade e aqueles que eram realizados ao longo da segunda metade do século XX, os entrevistados referem que o São

João mudou muito. Compreendem, assim, que há muitos aspetos que se alteraram nas festividades, encarando, na atualidade, a vida e os festejos de uma forma diferente. Relegam para a atualidade a existência de festejos sem regras, com muito recurso a álcool e a violência. Consideramos também que há muitos entrevistados a considerarem que a crise afetou a vontade de convívio, de partilha e de celebração, o que também julgam ser algo desmotivante para as festividades.

“Agora o São João não é festejado como antigamente, no qual era festejado com muita mais alegria; agora os adolescentes só querem fazer asneiras e com a crise do país as pessoas não têm vontade de se divertir nem sair” (E4)

“Antigamente os festejos eram mais simples, havia mais pureza e simplicidade nas pessoas. Porém, agora há mais confusão, as coisas mudaram” (E5)

“Agora tudo se resume a violência e bebedeiras” (E6)

“Achava mais interessante no meu tempo, havia mais respeito, as brincadeiras eram vividas de uma forma mais alegre, podíamos estar na rua porque nos sentíamos seguros” (E11)

Há, desta forma, referência a um São João vivido com mais alegria, mais respeito e essencialmente a ausência de excessos. Muitos dos entrevistados referem também a segurança, ao mencionarem que atualmente não confiam nas pessoas e, portanto, têm receio de sair à rua na noite de São João até muito tarde.

Relativamente a esta questão, ainda perguntamos aos entrevistados se o São João da atualidade comporta em si o mesmo significado do que o vivido em tempos anteriores. Estes referem que não, mencionando como principal justificação, o facto de não existir alegria e boa disposição como anteriormente.

“Não, porque perdeu-se um bocado de alegria, convívio, antes as pessoas conviviam mais e com juízo, pois agora é maldade” (E4)

Outros, porém, uma minoria, adiantam que estes festejos têm o mesmo significado, mas que a forma como são festejados é que se alterou.

“O significado é o mesmo, a maneira como é festejado é que mudou” (E11).

Por último, quisemos saber qual é o significado que o São João do Porto tem, assim, questionamos no sentido de perceber qual a importância para os entrevistados, mas também para a cidade do Porto.

Muitos dos entrevistados referem e associam a importância dos festejos à tradição por entenderem que é importante preservar e manter as tradições,

“O São João é uma parte da tradição, uma parte que sempre esteve presente na minha vida” (E1).

“Manter viva a tradição de muitos anos para não cair no esquecimento” (E4).

“Para a cidade do Porto é muito importante, pois mantém vivo o aspeto cultural” (E5).

“É a tradição que a cidade do Porto não deve perder” (E19).

Outros, porém, afirmam a possibilidade de chamarem à cidade muitos visitantes, o que consideram positivo devido ao facto de propiciar o contacto com outras pessoas, culturas e saberes.

“É importante pois pode-se conviver com pessoas desconhecidas, a alegria da festa entre muitas outras coisas boas” (E10).

“A importância é que traz mais felicidade, mais turistas à cidade e é uma noite para as pessoas se divertirem até muito tarde” (E9).

“É importante porque o São João é um mito da cidade e as pessoas gostam de conviver umas com as outras e sair à rua para festejar” (E10).

Desta forma, podemos constatar que aqueles que recordam aquilo que viveram ao longo da sua infância e adolescência, apresentam uma tendência de associar aquilo que viveram a algo positivo e superior aquilo que é vivido na atualidade. Tal facto poderá estar relacionado com a forma como recordamos o passado, na medida em que tendemos a olhar para aquilo que foi e analisar à luz do presente, o que poderá também ser alvo da atribuição de um significado que não foi, mas que as pessoas gostariam que tivesse sido. Assim, é importante que nesta análise tenhamos em conta os sentimentos e emoções que poderão oferecer uma visão idealizada daquilo que se processou. Portanto, a nossa investigação reporta-se mais para uma análise do domínio dos

sentimentos e da afetividade, e, dentro destes, para os factos reais associados aos festejos sanjoaninos.

Para que nos fosse possível compreender as conceções dos alunos relativamente àquilo que representou realizar estas entrevistas, decidimos, nesse sentido, lançar-lhes um conjunto de questões. Desta forma, quisemos saber a importância que este trabalho teve para a compreensão da História e da Geografia da cidade onde vivem, se este método de trabalho foi importante para a compreensão da temática e se consideraram a entrevista e o contacto com os testemunhos do passado como meios e métodos importantes para compreender factos que não estão ao alcance da nossa análise *in locus*.

Neste sentido, optamos, mais uma vez, por numerar cada um dos questionários para que a identidade de cada aluno estivesse salvaguardada, substituindo o nome por um número. Desta forma surge, ao longo desta análise, a letra Q, que se reporta à palavra Questionário, sendo o número imediatamente a seguir aquele que corresponde a um determinado aluno.

Quando questionados sobre a pertinência desta entrevista para a compreensão da História e da Geografia da cidade onde vivem, os estudantes responderam, na sua totalidade, que esta entrevista foi muito motivante.

“Foi muito motivante porque eu pude compreender melhor os costumes e as tradições que se fazem no S. João e isso ajudar a perceber a História e a Geografia da cidade onde vivo”. (Q1)

“A entrevista foi importante para compreender melhor o passado”. (Q6)

Há alguns alunos que estabelecem uma comparação com o São João que lhes foi dado a conhecer e aquele que conhecem na atualidade, conseguindo, assim, contruir uma opinião relativamente às diferenças existentes entre eles.

“Foi importante, pois havia coisas que eu desconhecía do São João, pois as coisas de antigamente não tem que ver com as coisas de agora”. (Q14)

“Para mim foi motivante no sentido que as coisas não mudaram assim tanto, ou mesmo nada. Realmente, pude saber também que apesar de não terem tido os avanços tecnológicos que temos agora, também se divertiam”. (Q15)

Também quisemos saber se este trabalho de pesquisa das fontes orais foi importante para os alunos conhecerem melhor o tema em estudo, no sentido de apurar se a informação da entrevista foi importante para colmatar aquilo que se estudou ao longo da aula lecionada sobre o São João. Neste sentido, os alunos responderam afirmativamente, realçando que conseguiram compreender o porquê de certas tradições se perpetuarem até aos dias de hoje. Também afirmaram o conhecimento de outras que desconheciam até então e que consideraram pertinente para compreenderem a História e a Geografia da cidade, visto que tiveram contacto com tradições que se foram perpetuando e outras que se foram alterando ao longo dos tempos, mas também com a alteração da geografia dos festejos.

“Sim, uma vez que conheci rituais e tradições quer eram utilizados nesse dia”. (Q3)

“Sim, pois não sabia que depois dos festejos as pessoas iam, por exemplo, tomar banho para o rio” (Q5)

“Sim, porque aprendi as diferenças entre o São João de antigamente e o São João atual, como por exemplo os diferentes costumes e lugares”. (Q7)

“Sim, porque fiquei a saber como é que os meus avós festejavam”. (Q10)

“Foi, pois consegui adquirir conhecimentos através da experiência dos mais velhos” (Q12)

“Sim, porque pude ter conhecimento de coisas que não tinha antes, falando com pessoas mais velhas que se recordavam de diversos pormenores” (Q15)

Por último pedimos aos alunos para revelarem a importância de recorrer aos testemunhos orais e, conseqüentemente, aos mais velhos, para compreender o passado, salientando que era necessário justificar a resposta que apresentassem. Os alunos, na sua quase totalidade, reconhecem que estes testemunhos são importantes para conhecer melhor o passado, conferindo importância ao saber adquirido com os mais velhos. Todos os alunos mostraram uma grande preocupação em realçar que os testemunhos dos mais velhos são excelentes veículos de informação, visto poderem descrever e caracterizar com exatidão tudo aquilo que vivenciaram.

“Sim, porque como são mais velhas, têm mais experiência e podem-nos explicar melhor” (Q2)

“Sim, pois elas é que tiveram lá quando tudo era diferente” (Q7)

“Sim porque quem melhor que eles para saber factos daquela época? Eles que passaram e viveram naquele tempo” (Q11)

“Sim, porque podemos sempre adquirir conhecimentos extra que nós desconhecemos, pois uma pergunta leva a outra e outra, e acabamos sempre por querer saber mais” (Q15)

“Sim, pois são os melhores testemunhos já que passaram por isso” (Q16)

Há, no entanto, alunos que apesar de reconhecerem a importância dos testemunhos dos mais velhos compreendem que há outras formas de ter acesso a eles.

“Por um lado sim, mas por outro podemos adquirir conhecimentos com pesquisas em outras fontes” (Q12)

Para que nos fosse possível compreender a importância que o São João tem para os nossos alunos, de forma a estabelecermos uma ligação com as conceções dos testemunhos orais dos mais velhos com os daqueles que vivem agora estas festividades, recolhemos um conjunto de informações neste sentido.

Assim, através de uma única pergunta questionámos os estudantes relativamente àquilo que é para eles o São João de hoje, interrogando, neste sentido, qual era o significado que este representa para eles. Na sua maioria, os alunos apresentaram como resposta o facto de ser uma festa em que normalmente reúnem a família durante o jantar, relegando os festejos para as ruas da cidade do Porto.

Aqui, recorremos à letra R para substituir a palavra resposta e o número corresponde à numeração por nós atribuída ao longo da análise.

Referem os rituais associados ao São João, tais como o lançamento de balões, os manjericos, o alho-porro, assim como o facto de associarem desde logo a um jantar composto por sardinhas. Há, deste modo, uma alusão para os rituais que compõem o São João, tal como nos foi referenciado pelas entrevistas realizadas aos familiares e conhecidos dos alunos.

“Têm significado, pois é mais um momento em família, onde nos divertimos e também lançamos balões” (R3)

“Os festejos do São João têm um significado alegre e feliz. Na atualidade dança-se, anda-se de carrossel, há concertos e as pessoas batem com o alho-porro na cabeça uns dos outros” (R5)

“O São João do Porto, para mim, é uma festa alegre onde toda a gente vem à rua para se divertir” (R7)

“Para mim o São João é estar em família e amigos durante a tarde e ao jantar, depois estarmos outra vez em família e amigos a comer na rua, dançar, conversar, cantar, polar, jogar, entre outras coisas” (R15)

“Para mim o São João significa o começo do verão e das férias” (R16)

Os alunos referem que se trata de um momento divertido e alegre, festejado em família e com os amigos, sendo que o local de eleição é a rua, pois a referência a esses locais de festejos é transversal a todos os estudantes inquiridos. Referem também alguns sentimentos associados a este dia, algo que pode ser relacionado com o facto de se assinalar o começo das férias de verão, onde os estudantes deixam de ter atividades letivas, o que também acarreta um conjunto de sentimentos muito positivos.

Deste modo, podemos verificar que através dos testemunhos dos mais velhos, existe uma memória dos sentimentos ligados aos festejos, algo que também nos foi possível constatar junto dos alunos. Ambos nos referem um São João pautado por sentimentos de alegria, confraternização e felicidade.

Considerações finais

Depois de todo o percurso efetuado ao longo desta investigação, é agora momento de refletir acerca daquilo que foi executado, da forma como foi processado e quais as principais ilações que podemos retirar do caminho percorrido até aqui. De todas as questões colocadas inicialmente, muitas são as que podemos apresentar respostas, mas outras há que se revelaram particularmente difíceis e sobre as quais mostramos a nossa incapacidade face às ilações ambicionadas. Pretendemos, assim, apresentar aquilo que resultou do nosso estudo, as inferências que nos foi possível retirar, mas também outros caminhos que poderão ser trilhados no futuro.

Por um lado, propúnhamo-nos compreender a forma como poderíamos ensinar História e Geografia recorrendo ao património imaterial da cidade do Porto e, desta forma, compreender como é que o recurso a aprendizagens que envolvam a memória e a afetividade podem potenciar o estudo. Pretendíamos, assim, compreender as vantagens de recorrer ao património imaterial de uma cidade para ensinar História e Geografia, mas também, a forma como a aprendizagem da História e da Geografia se encontram ao serviço da compreensão e apreensão da nossa História local e das tradições.

Por outro lado, ambicionávamos apurar qual o contributo que o estudo do património imaterial confere a cada uma das áreas disciplinares que lecionamos, no sentido de compreendermos a forma como a História Oral pode motivar os estudantes para o estudo da História e também quais as alterações da geografia dos festejos do São João.

No que concerne ao primeiro bloco de questões, podemos constatar que no nosso caso em estudo foi pertinente recorrer aos festejos do São João do Porto para ensinar História e Geografia, na medida em que esta arte efémera representa um momento marcante para a cidade do Porto e para os seus habitantes, algo que se destrói todos os anos, mas que se constrói no ano seguinte. Assim, ao aplicarmos o estudo deste acontecimento no ensino da História e da Geografia, pudemos constatar um conjunto de sentimentos e emoções que se entrecruzam entre gerações distintas.

Por um lado, foi-nos possível apurar um conjunto de conceções que marcam uma geração oriunda da segunda metade do século XX e que nos mostra uma visão de um São João diferente daquele que os nossos estudantes percecionam todos os anos. Por outro lado, foi fundamental compreender aquilo que os alunos pensam relativamente aos festejos na atualidade. Podemos assim compreender que se trata de gerações distintas, portanto a forma como percecionam o mundo reflete essa realidade. E apesar das diferenças que ambas as gerações nos referem, podemos constatar que os sentimentos associados aos festejos não são muito distintos, pois ambas as gerações fazem referência para um momento de alegria, associam-no à chegada do verão, fazem alusão a

momentos vividos entre familiares e amigos e ao carácter mítico que invade a cidade. Assim, os pontos em comum são diversos, contrariamente ao que as gerações entrevistadas nos relatam.

Tal facto poderá estar relacionado com a forma como as pessoas recordam o passado, ao atribuírem um significado que não se processou mas que gostariam que tivesse ocorrido. Assim, temos que ter sempre presente que ao recorrermos à História Oral, estamos em contacto com memórias socialmente construídas que se conjugam na construção de uma identidade.

Também nos foi possível verificar que ao lecionarmos uma aula sobre a História local, nomeadamente sobre os festejos sanjoaninos, foi evidente uma grande proximidade entre a realidade vivida na sala de aula e aquela que se renova todos os anos com a chegada do São João. Desta forma, podemos afirmar que se pode ensinar História e Geografia através do património imaterial de uma cidade fazendo recurso à memória, à afetividade e ao contacto com aqueles que viveram um determinado acontecimento no seu tempo histórico.

Com a investigação que nos propusemos realizar, pudemos apurar que através deste contacto com o local, os alunos apresentam uma grande predisposição para a investigação, visto que no nosso caso específico podemos verificar que, numa turma que se caracteriza por não fazer trabalhos de casa, todos efetuaram e entregaram uma entrevista que realizaram durante um período de interrupção das atividades letivas. Isto mostra o interesse e a importância que os alunos devotaram a este trabalho, mostrando um grande respeito por tudo aquilo que lhes foi sendo solicitado.

Podemos, assim, afirmar que, ao recorrermos a um assunto que apela a sentimentos e a emoções pertencentes à História local do sítio onde os alunos constroem as suas vivências diárias, o interesse pelo que está a ser estudado aumenta, processando-se uma aprendizagem que apela ao convívio intergeracional. Não podemos generalizar este facto, todavia, no nosso caso em particular esta é uma das ilações que podemos retirar. De facto, o estudo do local assumiu uma grande relevância junto dos alunos, e o facto de terem que entrevistar um familiar aumentou a carga emocional atribuída à entrevista.

Com base naquilo que fomos observando e vivenciando ao longo da nossa prática profissional, também nos foi possível verificar que a aprendizagem da História e da Geografia fica mais enriquecida graças ao contato dos estudantes com os seus familiares e conhecidos. Este facto auxilia os estudantes a localizarem-se no tempo e no espaço e a compreender determinados acontecimentos à luz das experiências vividas por aqueles que lhes são próximos.

Todavia, também temos de mencionar a nossa incapacidade em responder a algumas questões que nos propúnhamos inicialmente. Assim, devido ao facto de os tempos letivos da turma em estudo não serem os necessários para realizarmos todas as atividades que gostaríamos, não nos foi possível construir um mapa com os alunos acerca da Geografia dos festejos. De facto, o nosso objetivo inicial era construir uma ferramenta que nos permitisse delinear a Geografia dos

festejos, o que não foi possível concretizar. Assim, decidimos repescar aquilo que nos foi relatado nas entrevistas e construir um mapa que retratasse esta realidade.

Por último, resta-nos mencionar aquilo que não fomos capazes explorar, mas que temos consciência que poderá apresentar-se útil em trabalhos futuros que abracem a mesma temática que aqui nos propúnhamos estudar. Desta forma, é fulcral refletirmos acerca do nosso caso de estudo e sobre a dimensão da turma envolvida neste. Assim, devido ao facto de apenas possuímos uma turma comum a ambas as áreas disciplinares, a dimensão do nosso estudo ficou comprometida, na medida em que possuíamos um pequeno número de casos. Desta forma, em investigações futuras, o estudo poderá ser enriquecido com recurso a mais alunos e, conseqüentemente, um maior número de turmas.

Consideramos também que um dos caminhos possíveis a percorrer em investigações que se debrucem sobre o mesmo tema, terá que ver com uma aplicação prática da Geografia dos festejos. Queremos com isto dizer que consideramos enriquecedor para os alunos procederem a uma saída de estudo em que lhes fosse dada a oportunidade de explorar os locais onde se processam os festejos e, assim, contactar com diferentes testemunhos orais. Esta atividade seria importante para que se verificasse uma aplicação prática de tudo aquilo que havia sido explorado em contexto de sala de aula.

Muitos seriam os caminhos que poderíamos ter percorrido, e muitas poderiam ser as opções por nós tomadas ao longo deste ano. Neste relatório enunciamos apenas um conjunto de conceções que nos foi possível realizar ao longo do ano de iniciação à prática profissional, mas conscientes estamos de que há muito mais para explorar em investigações futuras.

Bibliografia

ALVES, L. (2006) – *A história local como estratégia para o ensino da história* in «Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques», Volume 3, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 65-75.

Almeida, C. (1993), “Riegl e Hoje”. *Revista da Faculdade de Letras*, II Série, Vol. X, 407-416. Porto: Universidade do Porto.

Bardin, L. (2013) *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições 70

Cabecinhas, R. (2006) ‘Identidade e Memória Social: Estudos comparativos em Portugal e em Timor-Leste’ in Martins, M.; Sousa, H. & Cabecinhas, R. (Eds.) (2006) *Comunicação e Lusofonia: Para uma abordagem crítica da cultura e dos media*, Porto: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e Campo das Letras, pp. 183-214.

Carvalho, A. (2013) “Marilena Alivizatos – Intangible heritage and the museum : new perspectives on cultural perspectives”. Semedo, A., Silva, R., Rodrigues, P., Casaleiro, P. (Dir.) *Midas*

Castells, M. (1992) *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra

Chaplin, J. (1981) *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote

Convenção para a Proteção do Património Cultural e Natural

Fentress, J., Wickham, C. (1994) *Memória social*. Lisboa: Editorial Teorema

Funari, P., Pelegrini, S. (2006) *Património Histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

Goff, J. (1990) *História e memória*. Campinas: SP Editora

Gonçalves, J. (1996) *A retórica da perda – os discursos do património cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ

Gonçalves, J. (2009). “O património como categoria de pensamento”. In Abreu, R., Chagas, M., *Memória e património – ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora.

Houaiss, A. (2007) *Dicionário de Língua portuguesa*. Lisboa: Temas e debates

Joutard, P. (2000) “Desafios à História oral do século XXI”. Ferreira, M., Fernandes, T., Alberti, V. (Dir.) *História oral – desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz

Jorge, V. (2004) *Conservar para quê?* Porto: 8ª mesa redonda de Primavera

Lei de Bases do Património cultural

Marques, H., Martins, L. (1998) *Memória, herança, património e paisagem*. Coimbra: Cadernos de Coimbra.

Martins, S. (2011) *A memória de um lugar: discursos e práticas identitárias na freguesia do Castelo em Lisboa*. Dissertação de mestrado em Antropologia apresentada ao Instituto superior de ciências sociais e políticas da Universidade técnica de Lisboa .

Mesquita, V. (2013) *Lugares de memória no ensino da História contemporânea. Alunos e familiares redescobrimo património(s)*. Dissertação de mestrado em História contemporânea apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Morais, A. (1959) *Grande dicionário da Língua portuguesa*. Lisboa: Confluencia

Mondiacult – World Conference on Cultural Policies,

NORA, P. (1993) – *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História.S.Paulo: PUC SP.

Oliveira, E. (1984) *Festividades cíclicas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote

Projeto de proclamação das obras-primas do Património Oral e imaterial da humanidade

Quivy, R., Campenhoudt, L. (1998) *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva

Pacheco, H. (2003) *O livro do São João*. Lisboa: Afrontamento

Pelegriani, S., Funari, P. (2009) *O que é o património cultural imaterial*. São Paulo: Editora brasileira

Pinto, H. (2012) “Interpretação de fontes patrimoniais em educação Histórica. In Elisa, M., Ramos, T.(Dir.) *Revista História e ensino*. Londrina: universidade estadual

Pisco, L. (2014) *As cascatas de São João: cultura popular e património imaterial na cidade do porto*. Dissertação de mestrado em História e Património - Ramo Mediação Patrimonial, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Ramos, M. (2003) *A matéria do património*. Lisboa: Edições Colibri

Ricoeur, P. (2000) *La mémoire, L'Histoire, L'Oubli*. Paris: Seuil

Silva, J. (1998). *História local – objetivos, métodos e fontes*. Faial: Casa da Cultura da Horta.

Silva, G (2000). *Porto – Nos lugares da História*. Porto: Porto Editora.

Tedim, J. (2002). *Imaginária religiosa barroca: Paredes de Coura 2002/2003*. Paredes de Coura: Câmara Municipal de Paredes de Coura.

The world's Non-Physical Heritage – Consultation of Experts to Define Non-Physical Heritage

Tuckman, B. (1994) *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Anexos

Anexo I – Análise das entrevistas

Questão	Resposta
<p>1- Que memórias guarda do São João do Porto na sua infância e juventude?</p>	<p><i>O São João de antes não tem nada que ver com o atual, pois na minha juventude o São João era festejado em vários sítios, nas Fontainhas, na rotunda da Boavista e no Palácio de Cristal. No meu tempo, comia-se as sardinhas, enfeitava-se a casa, convidavam-se os amigos e depois começávamos pela Boavista, seguindo para o palácio, andar na várias atividades e do palácio para as Fontainhas sempre a pé. (E1)</i></p> <p><i>Lembro-me das pessoas todas reunidas, das marteladas, das músicas e dos bailes.(E2)</i></p> <p><i>Ia às Fontainhas, andava com alho porro, comprava manjericos. (E3)</i></p> <p><i>O bailaricos, as rusgas, as marteladas, o alho porro, os vendedores a vender os carneiros e o fogo de artifício. (E4)</i></p> <p><i>As memórias que guardo são as melhores, de andar sempre atrás dos bailaricos e das marchas. (E5)</i></p> <p><i>As minhas memórias são as melhores! Eramos jovens. Desde os oito anos que eu comecei a ir ao São João. Eu e os meus amigos reuníamos todos e íamos a bailes, dedicávamos discos uns aos outros. Naquele tempo a festa começava muito cedo, mas só sabíamos que começava mesmo o São João quando víamos os balões. Ansiávamos por esse momento. Nas Fontainhas ia tudo para a rua, desde os mais novos até aos mais velhos. (E6)</i></p> <p><i>O lançamento de balões, o manjericos, comprar o alho-porro. (E7)</i></p> <p><i>Lembro-me dos manjericos e dos balões de São João. (E8)</i></p> <p><i>Comer as sardinhas, dar marteladas, gostava muito dessa noite. (E9)</i></p> <p><i>Antigamente, no São João, haviam muitas pessoas na rua, as pessoas juntavam-se em grupos e passavam a noite toda no convívio, desde crianças a idosos.Sim, era uma festa muito bonita, as ruas cheias de cores. (I)</i></p>

2- Na sua infância, recorda-se como era festejado este dia?

Costumava andar na rua com o alho-porro a passar na cara das pessoas. Dizia-se que era para dar sorte. (2)

Sim, muitos foguetes, muitos bailes, andar pelas ruas da cidade. (3)

Sim, no São João tínhamos de ir sempre comer na rua, pois não se podia falhar à grande festa. Percorríamos a cidade do Porto quase toda, íamos aos bailes aos vários locais até amanhecer. (4)

Neste dia, ia passear com a família pelas ruas do Porto. (5)

Dava-se com o alho-porro e os ramos de cidreira e de limonete. Lembro-me de ir à ponte D. Luís onde se cantava a música tradicional desta festa. O bairro de Massarelos era onde comia as sardinhas e a carne. (6)

Neste dia juntavam-se várias pessoas amigas e lançavam-se balões e saltavam-se fogueiras. (7)

Comia-se anho assado e de seguida ia-se para as festas dançar. (8)

Antes da meia noite, bebia-se o café e comia-se o pão com manteiga, depois as rusgas, lavávamos com alho-porro e via-se o fogo de artifício. (9)

Sim, era festejado com sardinha assada, como hoje em dia, utilizava-se os martelos e alhos-porros, fazia-se as cascatas com santos de barro e pedia-se dinheiro às pessoas para se comprar guloseimas. (10)

Era festejado com muita alegria e ansiedade. Vinha gente de todo o lado, encontrávamo-nos todos. Naquele tempo não havia martelos, então brincávamos com o alho-porro. (11)

Neste dia o São João era festejado com balões. (12)

Com muito cheiro a sardinha assada e muitos martelos. (14)

<p>3- Quais eram os rituais que se praticavam na noite de São João?</p>	<p><i>Pulávamos e dançávamos na fogueira e comíamos durante a noite de São João. (1)</i></p> <p><i>Viam-se muitos vendedores na rua, vendendo martelos de São João, alho porro, balões de ar quente e viam-se muitos a ser lançados pelo ar. (2)</i></p> <p><i>Andávamos toda a noite a dar com os martelos e a levar com o alho porro e as famosas ervas de cidreira. (4)</i></p> <p><i>Os rituais eram comer sardinha e pimento assado com broa e vinho, usar o alho-porro e o martelo e ver o lançamento de balões. (5)</i></p> <p><i>Neste dia os rituais eram saltar à fogueira, lançar balões, andar com o martelinho na mão e o alho porro durante a noite toda. (7)</i></p> <p><i>Dançar na rua, pôr o alho porro e a cidreira no nariz, faziam-se as cascatas de São João. (8)</i></p> <p><i>Bailaricos e tomar banho no rio Douro. (9)</i></p> <p><i>Os rituais era saltar à fogueira, encher e atirar balões ao ar e brincar com martelos ou alho porro. (10)</i></p> <p><i>Os principais rituais eram passear com a família. Vinha muita gente de todo o lado, encontrávamos-nos todos. Naquele tempo não havia martelos, então brincávamos com o alho porro e a cidreira. (11)</i></p> <p><i>Os rituais da noite de São João eram comprar um manjerico, o alho porro e lançar balões. (13)</i></p> <p><i>Correr os bailes todos e acordar na praia. (14)</i></p> <p><i>Andava toda a noite a dar marteladas e a passear pelas ruas do Porto. (15)</i></p>
<p>4- Em que ruas e bairros se festejava o São João?</p>	

	<p><i>Pela baixa do Porto. (3)</i></p> <p><i>O São João festejava-se como atualmente, mas cada vez mais raro, nas Fontainhas, na Rotunda da Boavista, na Ribeira e em Massarelos. (4)</i></p> <p><i>Na ribeira, nas Fontainha, na Cordoaria, no Bairro da Sé. (5)</i></p> <p><i>O São João era festejado na Ribeira, nas Fontainhas, em Massarelos e pela cidade toda. (7)</i></p> <p><i>Nas Fontainhas. (8)</i></p> <p><i>Principalmente nas Fontainhas, Ribeira, Antas, Ramadinha, Alfândega e Boavista. (9)</i></p> <p><i>O São João festejava-se na Cordoaria, e essencialmente na baixa do Porto e na Ribeira. (10)</i></p> <p><i>Nas Antas, Campanhã, nas Fontainhas, São Lázaro, Boavista, Cordoaria, Praça da Alegria e várias ruas da cidade do Porto. (11)</i></p> <p><i>Nas Fontainhas. (12)</i></p> <p><i>Miragaia, Sé, Fontainhas, Boavista, Massarelos e Ribeira. (14)</i></p>
<p>5- Na sua opinião, qual é o significado do lançamento dos balões de São João?</p>	<p><i>Ao lançar-se balões queria dizer-se que se soltavam os nossos problemas. (1)</i></p> <p><i>O lançamento dos balões na minha opinião é uma tradição em que se faz com gosto, em que as pessoas pedem um desejo. (4)</i></p> <p><i>No São João, o lançamento dos vários balões coloridos simbolizam as “manifestações” do culto do sol. (5)</i></p> <p><i>Lançar os balões era como que queimar todos os nossos problemas e era uma grande alegria. (6)</i></p> <p><i>Na minha opinião, o lançamento dos balões anuncia a festa. (8)</i></p> <p><i>O significado dos balões é o da felicidade. (9)</i></p>

	<p><i>O significado é que era um tipo de distração e o objetivo era lança-los o mais alto possível. (10)</i></p> <p><i>Para mim é anunciar o início das festas de São João. (11)</i></p> <p><i>É uma tradição muito importante. (14)</i></p> <p><i>O significado é o de pedir felicidade e paz. (3)</i></p>
<p>6- Sabe porque é que se utiliza o alho porro nos festejos de São João? Explique por favor.</p>	<p><i>Sim, é para espantar o mau olhado. (3)</i></p> <p><i>Porque é uma planta típica do São João, onde até há pessoas que metem atrás da porta para se livrarem do azar e onde permanece até ao ano seguinte. (4)</i></p> <p><i>O alho porro é associado a um ritual erótico, pois é usado para bater na cabeça do sexo oposto. (5)</i></p> <p><i>O alho porro significava a fertilidade dos homens. (6)</i></p> <p><i>O alho porro era e é usado para afastar o mau olhado. (8)</i></p> <p><i>Associo a um ritual erótico, visto que se bate na cabeça do sexo oposto. (9)</i></p> <p><i>É um símbolo antigo de confraternização entre as pessoas e é usado para afastar o mau olhado. (10)</i></p> <p><i>Significa a amizade que se tinha naquele dia, pois ninguém leva a mal as brincadeiras com o alho porro. (11)</i></p> <p><i>O alho porro era usado para afastar o mal. (12)</i></p> <p><i>Por causa do mau olhado. (14)</i></p>
<p>7- Qual foi o São João que mais o marcou?</p>	<p><i>O São João que mais me marcou foi o São João de 1978, quando o meu filho mais novo foi desfilhar na avenida. (1)</i></p>

	<p><i>Nenhum ano me marcou em particular. (3)</i></p> <p><i>O São João que mais me marcou foi quando conheci o meu atual marido e conselheiro, conheci-o no Jardim da Boavista, nas várias diversões, ele convidou-se para andar numa dessas diversões e a partir daí nunca mais nos largamos. (4)</i></p> <p><i>O São João que mais me marcou foi o de 1990, pois um sujeito deu-me uma martelada e eu dei-lhe um murro. (5)</i></p> <p><i>Não houve nenhum que me tenha marcado, pois todos eram passados da mesma maneira, as comer sardinhas, estar em família e depois passear pela cidade. (7)</i></p> <p><i>Todos eles, pois era sempre o meu pai que me levava ao São João, que me era uma pessoa muito especial. (8)</i></p> <p><i>Não houve nenhum que me marcasse de forma diferentes, pois todos foram especiais. (9)</i></p> <p><i>Tiveram todos o mesmo significado. (10)</i></p> <p><i>Para mim, na minha juventude eram todos bons. Após guerra, o São João marcou a minha vida pois eu adorava aquela festa, pois havia muita mais alegria. (11)</i></p> <p><i>O São João que mais me marcou foi há muito tempo, porque festejo com a minha família toda. (12)</i></p> <p><i>Todos me marcaram pelo bom ambiente vivido. (13)</i></p> <p><i>Todos eles foram importantes, porque em todos diverti-me muito. (14)</i></p>
<p>8- Em que medida é que considera os festejos de São João da atualidade diferentes dos que viveu na sua infância e adolescência?</p>	<p><i>Já não se faz as danças que se faziam antigamente se faziam, as meninas já não se vestem como antigamente. Mas principalmente as comidas não são as mesmas. (1)</i></p> <p><i>Antigamente prestavam mais atenção ao São João (3)</i></p>

	<p><i>Agora o São João não é festejado como antigamente, no qual era festejado com muita alegria, agora os adolescentes só querem fazer asneiras, e com a crise do país as pessoas não têm vontade de se divertir nem de sair. (4)</i></p> <p><i>Antigamente, os festejos eram mais simples, havia mais pureza e simplicidade nas pessoas. Porém, agora há mais confusão, as coisas mudaram. (5)</i></p> <p><i>Durante a minha adolescência, as ruas estavam cobertas de rosmaninho, as barracas e as cantigas são algo que me lembro mas que acabaram. Agora, tudo se resume a violência e bebedeiras. (6)</i></p> <p><i>São vividos de outras maneiras, já não existe tanta animação como antigamente. (7)</i></p> <p><i>Considero que o São João da minha adolescência era mais divertido e alegre. (8)</i></p> <p><i>Atualmente não há rugas, não se fazem muitas cascatas, já não se vêm muitos a pedir tostas para o São João. (9)</i></p> <p><i>Antigamente as pessoas saíam à rua com mais alegria e menos medo, hoje em dia devido à crise, as pessoas não festejam como antigamente. (10)</i></p> <p><i>Achava mais interessante no meu tempo, havia mais respeito, as brincadeiras eram vividas de uma forma mais alegre, podíamos estar na rua porque sabíamos que estávamos seguros. (11)</i></p> <p><i>Hoje em dia, noto a perda das tradições, há mais excessos e menos diversão. (13)</i></p> <p><i>Havia mais alegrias e camaradagem. (14)</i></p>
<p>9- Considera que o São João da atualidade tem o mesmo significado do de outros tempos? Porquê?</p>	<p><i>Sim, pois as bases estão todas ali. (1)</i></p>

	<p><i>Não, porque as pessoas antigamente ligavam mais aos festejos de São João. (3)</i></p> <p><i>Não, porque perdeu-se um bocado a alegria, o convívio, antes as pessoas conviviam mais e com mais juízo, pois agora é com maldade. (4)</i></p> <p><i>O São João tem o mesmo significado, isto é, os princípios são os mesmos, mas as pessoas alteram-nos. (5)</i></p> <p><i>Não, porque agora uma pessoa vai ao São João e anda para trás e para a frente, e antigamente dançava-se e brincava-se mais no meio da rua. (8)</i></p> <p><i>Não, porque as tradições não são como antigamente. (9)</i></p> <p><i>Antigamente o São João era mais festejado por pessoas de idade e agora é festejado por jovens que festejam de diferente forma. (10)</i></p> <p><i>O significado é o mesmo, a maneira como é festejado é que mudou. (11)</i></p> <p><i>Sim, apenas é vivido de outra forma. (13)</i></p> <p><i>Não, porque é só violência e não se vê os bailes cheios como antigamente. (14)</i></p>
<p>10- Na sua opinião, qual é a importância (para si e para a cidade) de festejar o São João?</p>	<p><i>O São João é uma parte da tradição, uma parte importante que sempre esteve presente na minha vida. (1)</i></p> <p><i>É importante porque é uma tradição (3)</i></p> <p><i>É importante manter a tradição de muitos anos para não cair no esquecimento. (4)</i></p> <p><i>Para mim, o São João não tem grande importância. Contudo, para a cidade do Porto é muito importante, pois mantém vivo o aspeto cultural. (5)</i></p> <p><i>É importante pois pode-se conviver com pessoas desconhecidas, a alegria da festa entre muitas outras coisas positivas. (7)</i></p>

	<p><i>Existe convívio e diversão entre as pessoas. (8)</i> <i>A importância é que trás mais felicidade, mais turistas e é uma noite para as pessoas se divertirem até muito tarde, onde se pode ver as rusgas e as cascatas. (9)</i></p> <p><i>É importante porque o São João é um mito da cidade e as pessoas gostam de conviver uma com as outras e sair à rua para festejar. (10)</i></p> <p><i>Na minha opinião, esta festa é das mais importantes, pois ao festeja-la não se esquecem as tradições, porque é uma festa alegre, as pessoas juntam-se e conhecem-se, passam um dia feliz e o incrível fogo de artifício a que se assiste. (11)</i></p> <p><i>A importância é que as pessoas podem sair à rua e divertir-se com outras pessoas. (12)</i></p> <p><i>É importante para manter a tradição e para ganhar dinheiro. (13)</i></p> <p><i>É uma tradição que a cidade do Porto não deve perder. (14)</i></p>
--	--

Anexo II – Análise dos questionários

Questão	Resposta
<p>1- Em que medida é que a entrevista que realizaste foi motivante para compreenderes a História e a Geografia da cidade onde vives?</p>	<p>Foi muito motivante porque eu pude compreender melhor os costumes e as tradições que se faz no São João e isso ajuda a compreender a História e a Geografia da cidade onde vivo. (1)</p> <p>Porque aprendi mais sobre o São João no Porto, as tradições e tudo mais. (2)</p> <p>Foi motivante, pois havia perguntas que me ajudaram a conhecer mais sobre a minha cidade e as suas tradições. (3)</p> <p>Foi bom porque descobri coisas que não sabia. (4)</p> <p>A entrevista que realizei foi importante para conhecer melhor a cidade onde vivo. (5)</p> <p>A entrevista foi importante para saber o passado dos festejos do São João. (6)</p> <p>Foi motivante, pois fiquei a conhecer novas coisas sobre o São João do Porto. (7)</p> <p>A entrevista foi motivante, pois fiquei a conhecer novos lugares e costumes que não conhecia. (9)</p> <p>Ouvi falar de sítios que nunca tinha ouvido antes, o que fez com que ficasse a conhecer melhor a minha cidade. (10).</p> <p>Fiquei curiosa e gostei de saber mais sobre estas tradições. (11) Foi importante pois fiquei com mais conhecimentos, compreendi que o São João sempre foi uma festa muito bonita. (12)</p> <p>Fiquei a saber mais sobre como eram as festas de antigamente e como eram os vários locais dos festejos. (13)</p> <p>Foi importante pois havia coisas que eu desconhecia sobre o São João, pois as coisas de antigamente não têm muito a ver com aquilo que se passa agora. (14)</p>

	<p>Para mim foi motivante no sentido que as coisas não mudaram assim tanto, ou mesmo nada. Realmente, pude saber também que apesar de não terem os avanços tecnológicos que temos na atualidade, também se divertiam. (15)</p> <p>Foi motivante pois faz parte da cidade onde eu vivo. (16)</p> <p>Foi importante, pois deu para entender a maneira como antigamente faziam o São João. (17)</p> <p>Foi muito motivante porque fiquei a conhecer melhor a minha cidade e as suas tradições. (18)</p>
<p>2- A entrevista foi importante para saberes mais sobre este tema? Porquê?</p>	<p>Sim, porque havia certas coisas que eu não sabia em relação ao São João que antes as pessoas celebravam. (1)</p> <p>Sim, porque com esta entrevista comecei a conhecer a minha cidade. (2)</p> <p>Sim, uma vez que conheci novos rituais e novas tradições que eram utilizadas nesse dia. (3)</p> <p>Sim, porque descobri como é que os mais velhos festejam esta festa. (4)</p> <p>Sim, pois não sabia que depois dos festejos as pessoas iam tomar banho para o rio. (5)</p> <p>Sim, porque conheci parte da vida dos mais velhos. (6)</p> <p>Sim, porque as diferenças entre o São João de antigamente e o São João da atualidade, como por exemplo os diferentes costumes e lugares. (7)</p> <p>Sim, porque fiquei a conhecer novos costumes. (9)</p> <p>Sim, porque fiquei a saber como os meus avós festejavam o São João. (10)</p> <p>Sim, porque aprendi a soube mais sobre as tradições da cidade. (11)</p> <p>Foi, pois adquiri conhecimento através de experiências dos mais velhos. (12)</p>

	<p>Sim, pois o São João não é aquilo que nós pensamos que é, pois não é só festa, há também um conjunto de costumes e tradições que se repetem ao longo dos anos. (13)</p> <p>Sim, o São João é das maiores comemorações festivas do Porto e assim sendo aprendi muitas coisas. (14)</p> <p>Sim, porque pude ter conhecimento de coisas que não tinha antes, falando com pessoas mais velhas que se recordavam de diversos pormenores. (15)</p> <p>Sim, porque apesar de festejar o São João desde que me lembro, não fazia ideia de como era festejado antes e dos seus símbolos. (16)</p> <p>Não, pois eu já toinha pesquisado sobre o São João. (17)</p> <p>Foi muito importante, fez-me ver que não é igual a antigamente. (18)</p>
<p>3- Consideras importante recorrer a entrevistas a pessoas mais velhas para compreender o passado? Porquê?</p>	<p>Sim, porque as pessoas mais velhas viveram esses acontecimentos na primeira pessoa e podem transmitir aquilo que viram e sentiram. (1)</p>
	<p>Sim, porque como são mais velhos, têm mais experiência e podem explicar-nos melhor certos acontecimentos. (2)</p> <p>Sim, já que são as pessoas mais velhas que compreendem o passado porque viveram-no. (3)</p> <p>Sim, porque eles têm mais noção e mais cultura do que as pessoas mais novas. (4)</p> <p>Sim, pois fico a conhecer melhor o passado. (5)</p> <p>Sim, pois elas é que viveram esses momentos quando tudo era diferente. (7)</p> <p>Sim, porque eles presenciaram e viveram nesse passado. (9)</p> <p>Sim, para comparar como as pessoas antigamente comemoravam o São João. (10)</p>

Sim, porque quem melhor do que eles para saber factos daquela época? Eles viveram e presenciaram esses acontecimentos. (11)

Por um lado sim, mas por outro podemos também adquirir conhecimentos com outro tipo de pesquisas. (12)

Sim, porque as pessoas viveram as coisas de uma forma diferente. Viveram-no com mais alegria e intensidade. (13)

Sim, as pessoas mais velhas têm mais consciência e nada melhor do que elas para compreender os costumes que se praticavam no passado. (14)

Sim, porque podemos sempre adquirir conhecimentos extra que desconhecemos, pois uma pergunta leva a outra, e acabamos sempre por querer saber mais. (15)

Sim, pois são os melhores testemunhos, já que passaram por esses acontecimentos no passado. (16)

Em parte sim, porque eles estiveram presentes no passado. (17)

Não necessariamente, porque há pessoas mais novas que também têm conhecimentos. (18)

Anexo III – Análise das questões acerca
da importância do São João para os es-
tudantes

Questão	Respostas
<p>Qual o significado que os festejos do São João do Porto têm para ti?</p>	<p>Para mim os festejos do São João do Porto têm muito significado porque o que eu mais gosto de fazer é lançar os balões e tem muito significado para mim. (1)</p> <p>Não tem significado, é uma simples festa como as outras. (2)</p> <p>Tem significado, pois é mais um momento em família, onde nos divertimos e também lançamos balões. (3)</p> <p>É uma festa onde pessoas comemorar em família e amigos, onde se diverte e se festeja até às tantas. (4)</p> <p>Os festejos do São João do Porto têm um significado alegre e feliz. Na atualidade dança-se, anda-se de carrossel, há concertos e as pessoas batem com o alho porro na cabeça umas das outras. (5)</p> <p>É uma festa em que estou com a minha família e me divirto. (6)</p> <p>O são João do Porto, para mim, é uma festa alegre onde toda a gente vem à rua para se divertir. (7)</p> <p>O São João do Porto é para mim uma festa que se festeja com martelos e na hora de almoço e do jantar come-se sardinhas assadas. (8)</p> <p>O São João do Porto, para mim, é uma festa feliz na qual toda a gente é convidada a festejar. (9)</p> <p>O São João para mim é um momento de felicidade. (10)</p> <p>Alguns são significativos como o facto de a ceia ser feita em família mas outros são engraçados e divertidos como os martelos e outros elementos que se utilizam. (11)</p> <p>É uma festa muito bonita, onde podemos conviver. Divertimo-nos imenso, a tradição dos martelos também é bonita. (12)</p>

	<p>O São João do Porto para mim é um festa em que as pessoas saem à rua para festejar e comerem sardinhas como prato principal. Para se divertirem e participar em várias brincadeiras com os martelos. E como ninguém leva a mal, é divertido. (13)</p> <p>Muita coisa, muita alegria, o começo do verão, é um dia muito bem passado a comemorar as nossas tradições. (14)</p> <p>Para mim o São João é estar em família e amigos durante a tarde ao jantar, depois sair com os colegas e no dia seguinte estarmos outra vez em família e amigos a comer na rua, a dançar, conversar, cantar, polar, jogar, entre outras coisas. (15)</p> <p>Para mim o São João significa o começo do verão e das férias. (16)</p> <p>Estar com a família e os amigos. (17)</p> <p>Atualmente não tem nenhum significado, apenas festa. (18)</p>
--	--